

Trilogia do amanhã

Doc Comparato

O beijo
da louca

teatro



Registro SGAE – 10.590.535

O BEIJO DA LOUCA

Um estudo sobre portas e janelas

Uma peça de teatro de Doc Comparato ©

Peça teatral da trilogia do amanhã

Londres/Rio de Janeiro/1978

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br

E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-055-0

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)

Para Cecília, com amor e carinho.

DC, 1978

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente.

E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilogias, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem, Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

NOTAS INICIAIS

A PEÇA

O espetáculo possui sua própria unidade de tempo e apresenta várias quebras de continuidade. É fragmentado.

Presente, passado, passado remoto e imaginação da protagonista se confundem em representações, por vezes, simultâneas.

Alguns personagens atuam em vários tempos (**exemplo: presente e passado remoto**) numa determinada cena (**mesmo ator, mesmo personagem versus vários tempos**).

Outros personagens possuem nova identidade em determinado tempo, logo, parte do elenco possui vários papéis.

Assim sendo, também teremos o mesmo ator representando vários personagens (**máximo 2**) na mesma cena (**mesmo ator/vários personagens versus/mesmo tempo**).

Diferenças de interpretação, detalhes de iluminação, diálogos e vestuário marcam os diferentes tempos e personagens.

Todavia o texto parece atemporal. Ou melhor, parece atual. Já que em 2003/04 sua leitura dramática resultou efetiva. Mesmo tendo sido criado em 1978, isto é, há vinte e cinco anos atrás.

O PALCO

As possibilidades são inúmeras. Como opção imaginamos o espaço cênico aberto-livre dividido em plataformas.

Cada plataforma se projeta mais alta que a precedente (**divisão vertical do espaço**).

Em ordem:

1º Nível - Passarela (**da platéia ao palco**) e pequena plataforma na cabeceira do palco (**plataforma ou local do psiquiatra**).

2º Nível - Palco propriamente dito.

3º Nível – Plataforma, ou espaço, A (**à direita**).

4º Nível – Plataforma, ou espaço, B (**entre A e C**).

5º Nível – Plataforma, ou espaço, C (**à esquerda**).

A idéia é fazer de cada nível (**ou plataforma**) um sub-espço independente e autônomo (**necessidade de ação simultânea em tempos diferentes**).

Durante o espetáculo portas e janelas (**estruturas de madeira e ferro**) descem do teto bloqueando as plataformas, dividindo horizontalmente o espaço cênico e caracterizando os cenários.

Poucos objetos (**adereços**) manipulados pelos atores completam a formação dos cenários. Diversos padrões de iluminação também contribuem.

Um alçapão no centro do palco é descrito.

NOTA: Ao reler o texto em 2004, reconheço nele a matriz do meu estilo: fragmentação estrutural do drama com progressiva redução do espaço cênico, sempre na busca de congregar a dramaturgia com as artes plásticas.

Quanto ao discurso dramático: utilizo todos os tipos de diálogos, manejando desde o “diálogo realista repetitivo” ao “monólogo intrínseco”.

Mistura ardilosa para o ator, mas espero satisfatória para quem acompanha o drama.

Também manejo com paixão o “objeto dramático”.

Sabendo-se que “objeto dramático” são as coisas tocadas pela personagem no decorrer de uma estória, inicie com esse texto uma intrigante aventura para encontrar o valor real do “objeto dramático”.

Especulo até que ponto essa rubrica de passagem sem importância, não tenha se tornado essencial ao drama. Mas o tema é assunto de uma tese que no meu imaginário ainda pulsa. Ainda não sei a resposta.

Enfim, é esse o meu estilo: fragmentação estrutural do drama com reavaliação do objeto dramático, acarinhada por um discurso polimórfico.

O ELENCO

O elenco é formado por dez pessoas.

Atores e atrizes devem cobrir um painel dramático composto por vinte e nove personagens, assim distribuído:

Elenco feminino:

Clara é a protagonista. **Pode ser jovem ou mulher de idade ou até madura**, depende do efeito que se queira causar. A idade da protagonista é diretamente proporcional ao deslumbramento da platéia.

D. Lucia, Luíza, Madre I e Madre II. À exceção de Clara, o restante se desdobrará em Nízia, prostituta, Eunice. Vedete Virgínia. Enfermeira I. Figuração feminina se faz necessária.

Elenco masculino:

Psiquiatra, Richard, Sr, Jorge e três homens. À exceção do psiquiatra, o restante se desdobrará em Jorge, Ricardo, policiais, médicos e usuários do bordel. Figuração masculina se faz necessária.

Bem vindos ao texto.

O BEIJO DA LOUCA

Cena 1 - O espetáculo

Cena 2 - O fogo

Cena 3 - O odor

Cena 4 - O trigo

Cena 5 - A chegada

Cena 6 - A identidade

Cena 7 - O espaço

Cena 8 - O movimento

Cena 9 - A felicidade

Cena 10 - A distância

Cena 11 - O mal-entendido

Cena 12 - O ciúme

Cena 13 - A agressão

Cena 14 - O vermelho

Cena 15 - A fuga

Cena 16 - O desencontro

Cena 17 - O esclarecimento

Cena 18 - A evidência

Cena 19 - A rotulagem

Cena 20 - O instigante

Cena 21 - O conjunto

Cena 22 - O incondicional

Cena 23 - A solenidade

Cena 24 - O diálogo

Cena 25 - A maternidade

Cena 26 - A oportunidade

Cena 27 - O esclarecimento

Cena 28 - A problemática

Cena 29 - A saída

Cena 30 - O desfecho

O BEIJO DA LOUCA

Tudo escuro.

VOZ (OFF)

Niterói. Década de 70. Aula prática de psiquiatria. O auditório repleto assistia a encenação de uma maníaca que correndo entre as estudantes contava uma história absurda e tumultuava o resto da ordem exigida pelo professor. Apresentação do drama.

Míope – atrasado eu tentava copiar as últimas explicações do quadro negro. Relatório à vista – prova. A expectativa dramática.

Absorvido pelo exercício óptico não notei sua chegada. Foi rápida como seu pensamento. Um beijo só. Nos lábios, babado, aproveitando uma das viradas de minha cabeça e ainda estalado. A psicótica me beijou. O clímax.

Todos riram. Não sei bem porque, mas todos riram. Me senti obrigado a sorrir pois não sabia bem o que fazer. Limpar a baba? Ajeitar os óculos? O patético da vida.

O providencial desfecho foi dado pela louca mesmo. Ela disse: “Esse beijo você nunca mais esquece!” Não esqueci. O final. Lembranças. Colegas aplaudiram.

Essa peça é dedicada a ela.

Ao insano teatro.

DOC COMPARATO

Sobe o pano.

O BEIJO DA LOUCA

AO ENTRAR NO TEATRO O ESPECTADOR SERÁ EXPOSTO A UM PAINEL REPLETO DE FOTOS DE MEDICOS.

1º ATO

Tudo escuro.

Abre o pano.

CENA 1 - O ESPETÁCULO

Foco de luz paulatinamente ilumina Maria Clara. Ela está sentada na passarela, tem o cabelo solto, desalinhado, o rosto excessivamente pintado e sorri para a platéia enquanto realiza com os braços (*e mãos*) carinhosa coreografia.

Instantes.

Ao fundo, luz tênue.

Nas plataformas A, B e C silhuetas se movem.

Formam espectros que trabalham numa serralharria e depois reagem corporalmente ao monólogo de Clara.

Maria Clara olha para a platéia. Está alegre.

Possui um sorriso ingênuo e infantil. É doce.

Deve através de sua presença e movimentos emanar felicidade.

Pontuação musical ou música.

MARIA CLARA

Serralharia. S-E-R-R-A-L-H-A-R-I-A. *(tom)*. É uma oficina para trabalhos em ferro batido ou forjado. Sei a palavra, sei o que significa e sei soletrar. Meu padrinho é dono de uma. Mas na dele também se trabalha com madeira.

Serraria. Faz-se janela, batente. Porta, soleira. *(para alguém)* O senhor faz o quê? O quê? Não responde? Medo? Só fiz uma pergunta. Sabe por quê? Com uma mulher tão bonita a seu lado, tão arrumada, deve fazer coisa muito importante. *(pausa)* Uma vez uma enfermeira perguntou para mim. Não, uma assistente perguntou. O que eu fazia. *(para alguém)* *(tom)*. Desculpe, o senhor pare de olhar para mim desse jeito. Não pára de olhar para o meu peito. *(sorrindo)* Quer que tire? Vou até. *(faz menção)* Na frente de todo mundo. Duvida? Teria essa coragem? Duvido. Vamos tentar? *(tom)* Quem duvida o rabo espicha. Quem duvida ou quem cochicha? Espicha é com X ou com CH? C – O - C – H – I – C – H – A, cochicha. Quem cochicha atrás da porta? *(para alguém)* Ele. Foi quem cochichou com ela. A madre que me ensinou a cochichar. As madres cochicham atrás das portas. Soletram *(tom)* *(pausa)*. O tempo passa rápido na minha cabeça. Depressa. O ontem não existe, o presente é poço e o futuro busco. Por isto minha cabeça está oca. *(tom)* Sempre oca. Não há tempo na minha cabeça. Tempo. *(tom)* A felicidade. O tempo não existe. Só sou. E olham o meu corpo, querem e desejam. Quem? Os senhores, donos de portas e janelas. *(pausa)* A madre disse uma vez que pela porta tudo passa e pela janela tudo se vê. Mas aqui as portas foram fechadas. *(triste)* As janelas trancadas. Por

que estou aqui? (*tom*) Um médico me explicou que isto aqui é um teatro, eu disse para ele que isto aqui é um hospício. Por que estou aqui? O médico falou que não fazia muita diferença. Por que estou? Estou? Por que? Por? ...R...O...P...P...Psiquiatra.

Apaga-se o foco rapidamente.

Pontuação musical.

Fundo se apaga.

Foco no psiquiatra. O personagem está em pé na cabeceira do palco.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Insólito. É assim. É como ela fala. Seu raciocínio é rápido. Rápido, rápido. Depressa. Seu discurso pula de uma realidade presente para um real que só ela viveu. Viveu, sofreu e paga por ele. Cíclica. Intemporal. Confuso? A história de Maria Clara não é confusa. Desde o primeiro instante em que ela pisou neste manicômio judiciário, assisto sua doença. Loucura? Na condição de psiquiatra concursado e contratado trato dos insanos assassinos, (*tom*) para o bem de nossa sociedade. Será? Onde estará a normalidade, a perfeição? E o crime de Maria Clara? Todos sabemos. Foi hediondo, terrível e injustificado. Será mesmo? (*pausa*) É bom esclarecer um ponto : Maria Clara não tem “**flashes**” de seu crime, ele está presente em sua mente, ela sabe exatamente “**o que fez**” e “**por que fez**”. É uma

consciente louca. É insana e assassina por opção. Meu tratamento não moveu uma palha de seu distúrbio mental. Quanto a mim... Pulei da piedade ao amor, do amor ao respeito. *(tom)* E falhei como psiquiatra. Como médico não exorcisei seus males, nem aliviei suas dores. Valeria à pena? Onde está a verdade?

Acende-se o foco onde estava Maria Clara. Está vazio.

PSIQUIATRA

Manicômio judiciário. Eu, Dr. Cláudio. Paciente: ela, Maria Clara. De quê? Ela se auto-proclama “**Maria Clara de todas as vedetes do Brasil**”. Ela tem o rosto todo pintado. Dança feliz um bailado canhestro. Cabloco. Caipira. Pergunto: por quê? Vedetes? Ela responde: são alegres. Penso: que pretensão. *(tom)* Diagnóstico: a paciente se encontra em mania. O que significa estado de mania? Euforia desatada, distúrbio mental que se manifesta através de incontrolável excitação. Doença séria que esconde a realidade. Psicose maníaco-depressiva homicida, concluo. E a vedete Maria Clara dança como nunca dançou, maneja até o gesto artificial de vedete. *(pausa)*. Os psicóticos transmitem com rara intensidade seus sentimentos, contagiam o entrevistador, dizem os livros. Maria Clara, quem é você? Chego a esboçar um sorriso. E você sabe quem é? Ela contra-ataca de imediato. Maria Clara estou aqui para ajudá-la. Eu também, ela responde. Que dia é hoje? Ela: o tempo passa depressa mas hoje é um dia qualquer do mês de março. Numa casa, ela acrescenta. Sei que ela sabe, que sei que é verdade. Um dia de março. Qualquer.

Tudo escuro.

CENA 2 - O FOGO

Ilumina-se a plataforma A.

Um fogo arde proveniente de um bico de gás.

D. Lucia sentada num banquinho costura (*tricô*)

NOTA. A plataforma A será a sala e a cozinha da casa dos padrinhos de Clara.

Através de um banquinho e uma mesa faz-se a ambientação.

Instantes.

Maria Clara atravessa o palco segurando uma bandeja.

D. LUCIA

Tolice. É nossa afilhada. Seu padrinho gosta muito de você. (*tom*) Escute, filha, é que ele se chateia na serraria. Aliás como ele gosta: serralharia. Depois vem descarregar na gente. Já disse isso para ele. Mas é muito difícil atualmente ser gerente. O barulho, os empregados. Não faz por mal. É muito correto. Não fique zangada. É coisa pouca. (*pausa*). É filha-da-casa.

MARIA CLARA

Filha da casa.

Lucia e Clara em pé. Ambas na plataforma A.

Clara passa a bater ovos numa tigela e Lucia unta com manteiga uma forma de cozinha. Preparam um pudim.

D. LUCIA

Maria Clara, o fogo da vagem.

Clara para apaga o fogo e acende a luz do forno.

Volta a bater os ovos.

D. LUCIA

Esse pudim de leite aprendi lá na casa da Nízia. Faz muito tempo... Coitada da Nízia, tão doente. Tenho muito medo de ficar parálitica como a Nízia. Depois do ataque, ela ficou com o corpo todo adormecido. A metade esquerda parada.

MARIA CLARA

Já contou, D. Lucia.

D. LUCIA

Viver parálitica é ruim. E aquela mulher sofreu na vida. Deus sabe. Só o marido metido em política, foi um problema. Adoeceu de desgosto. *(pausa)* Agora Jorge, graças a Deus, nunca se meteu em política. Só vive para os negócios e a família *(pausa)* A pobrezinha da Nízia sofreu. Que homem

violento e agressivo era o Tadeu. Me lembro quando foi preso. O Jorge naquela época conhecia uns...Sempre conheceu muita gente. Era dono da farmácia. E foi ele, com toda paciência, que conseguiu, Deus sabe como, soltar o Tadeu. Jorge tem muitos defeitos, mas sempre ajudou a família. Sempre. *(pausa)* Bateu os ovos?

MARIA CLARA

Terminando.

D. LUCIA

Deixa ver. *(olha)* Está bom. No ponto. Derrame aqui.

Clara derrama os ovos batidos na fôrma.

D. LUCIA

O mundo é engraçado. Minha prima tinha razão. Homem a gente amarra pela boca. Acho que naquele tempo.... Agora, é tudo permitido. Precisa tomar cuidado. Há uma falta de pudor geral e as mulheres estão muito diferentes. Sinto medo do futuro...Como diz o Jorge: a sem vergonhice é contagiosa.

MARIA CLARA

Os faróis piscando no portão. O padrinho está chegando

D. LUCIA

A chave. Vá abrir o portão. Depressa. (*tom*) Bem, acho que está perfeito.
Pôr no forno.

Mudança de luz.

CENA 3 - O ODOR

Dois focos (*em paralelo*) varrem todo o palco como se fossem os faróis de um automóvel.

Clara com um molho de chaves na mão.

O som de um carro que paulatinamente ganha intensidade.

MARIA CLARA

Pegar o molho de chaves que está dependurado atrás do armário da cozinha. Chegar na porta da cozinha. Pegar a chave amarelinha cheia de dentes. Enfiar na fechadura. Buraco. Uma volta. Duas voltas. Tirar a chave. Torcer o parafuso do ferrolho, metal, que solta o tranca-porta. Tranca-porta. Tramela. Mão na maçaneta. Abriu a porta. Sair pelo quintal correndo. Um caminho de pedra certinho, cinza e que escorrega. E passa a Bananeira, o canteiro de Margaridas e as Avencas que o jardineiro vem tratar duas vezes por semana, a Comigo-Ninguém-Pode, o Pé de Louro, e passa o cheiro da Dama-da-Noite, um Coqueiro mirrado, uma gaiola quebrada jogada, velha, enferrujada, a grama que nunca cresceu, o mato que toma conta e a Mangueira que de cansaço desfolha suas mangas fétidas junto ao Fícus. Passa o Fícus. O portão na frente. O portão, os faróis, o cheiro longe da gasolina. Ter a chave pontuda, preta e pesada à mão. Escutar a lingüeta do portão, mais o cadeado desarmar, mais o portão arrastar, mais o carro a passar e mais. Mais fazer tudo de novo ao contrário e uma vez mais. (*tom*)
Todo dia. Um odor de gasolina.

Longa pausa.

Clara no meio do palco, os dois focos de luz parados.

Cessa o som do carro.

MARIA CLARA (*pausado*)

Às vezes penso. Penso com medo da chegada do padrinho. Será que ele... Nervoso? Violento? Berrar? Penso. Medo. Por quê? Minha missão será abrirtrancar portão? Pelo resto da vida? Às vezes penso. Por que existe portão? E cadeado? Deveria existir no lugar de cada portão uma árvore grandona que, sei lá como faria, desceria, folhas e galhos, e escondia tudo. (*tom*) Se não existisse portão. Seria mais natural. Milagroso. O mundo todo sem porteiro ou portão. O mesmo tipo de árvore que escondeu Maria. Penso. Porque barrar caminhos com portas e janelas com grades? Por causa dos homens. Dos outros homens, cada homem pensa. Mas por que os homens não se juntam e resolvem o contrário? Penso. Eles pensam? Penso naquele minuto depressa que o carro passa levantando poeira. Olho a casa ao fundo com as janelas presas nas grades. E penso que não adianta pensar, por que a janela da nossa cabeça foi fechada com cera, cabelo e meleca. A porta do nosso pensar com os dentes e pálpebras. E assim nosso pensamento não sai da cabeça. Fica dando voltas lá dentro. Pelo menos esse tipo de pensamento,penso. E não é culpa dos homens. É de Deus. Não adianta pensar essas coisas. Só sentir. Às vezes pensamos esses pensamentos. (*tom*). Mas eles nunca saem para fora. Logo: nós nunca pensamos essas coisas difíceis.

Luz cai total.

CENA 4 - O TRIGO

Ilumina plataforma A.

Desce uma janela fechada no fundo da plataforma A e uma porta entre as plataformas A e B.

Lucia e Jorge à mesa.

D. LUCIA

Que cara.

SR. JORGE

Lucia, tive um dia cheio e não estou de bom humor. Hoje.

D. LUCIA

Fala. A gente conversa. É bom a gente saber das coisas.

SR. JORGE

Se falo estou descarregando em cima de você. Se não falo,estou escondendo coisas. É uma insatisfeita.

D. LUCIA

Está bem, Jorge, se acalme. Pronto. Não se fala mais.

Um tempo.

D. LUCIA

Maria Clara. Clara. Traz a sobremesa.

Entra Maria Clara e tira os pratos.

D. LUCIA

Fiz pudim de leite. Você gosta tanto. Aliás me lembrei tanto da Nízia, hoje. É sempre assim quando faço pudim de leite.

Jorge faz, discretamente, bolinhas de miolo de pão.

D. LUCIA

Maria Clara, não leve o pão. Jorge gosta de brincar com o miolo. Bolinhas.

Jorge segura o pão, retira o miolo e começa a fazer bolinhas. Maria Clara traz a sobremesa.

MARIA CLARA

Posso ir?

Jorge continua fazendo bolinhas.

D. LUCIA

Pode sim. Volte logo depois da aula. Tome cuidado.

MARIA CLARA

Deixei tudo pronto na cozinha para o café da manhã.

D. LUCIA

Muito bem.

Maria Clara sai com uns livros.

SR. JORGE

Daqui a pouco você acaba servindo tudo e a moça sentada comendo.

D. LUCIA

Ela deve ir ao colégio.

SR. JORGE

Sempre fui contra isto. Sabe bem. Idéia sua. Cada vez ela sai mais cedo.

D. LUCIA

A aula dela é às sete e meia.

SR. JORGE

O lugar dela é na cozinha. Ela está aqui para... Não prometi nada que iria para a escola. É chamada de “afilhada” só de boca. Nós não batizamos ninguém. Em casa quero sossego.

D. LUCIA

Colégio de freiras. Não atrapalha em nada no serviço. Ela me faz companhia o dia inteiro. Depois reclama como se isso fosse novidade. Há três anos que vai à escola. Três. Uma menina comportada. As mães adoram ela.

SR. JORGE

Adoram ela. Lucia, você não conhece as pessoas. O mundo anda estranho. Até a igreja está contaminada. Atualmente não existe mais respeito.

D. LUCIA

Hoje ela se queixou. Insinuou que você não gosta dela.

SR. JORGE

Acertou. Em cheio.

D. LUCIA

Jorge, ela é filha de quem afinal?

Um tempo.

SR. JORGE

Filha da casa. Sei muito bem tratar com empregado. E pára de dar confiança a esta moça. Um dia o negócio sobe. Viro a mesa. Volta de onde veio.

D. LUCIA

Nervoso à toa.

SR. JORGE

Por que ela não ficou em casa vendo televisão? Ninguém proíbe.

D. LUCIA

Muito bem. *(tom)* Mas se não gosta dela, por que se incomoda tanto?

SR. JORGE

“Muito bem, Jorge”. O quê? Vai tomar as dores dela? É engraçado. Você nunca fica do meu lado. Devia ser igual ao Macedo. Sai toda a noite e não dá atenção para a família. E olha, ele tem quatro filhos. Quatro. E joga e tem uma porção de amantes. Mas eu trabalho duro, venho para casa toda noite na hora certa. Dou segurança e levo você para viajar uma vez ao ano. Sustento parte de seus parentes. E, ainda, não posso reclamar.

Um tempo.

D. LUCIA

Vou buscar o café.

CENA 5 - A CHEGADA

Acende-se a plataforma C.

Richard e duas madres, em pé, conversam.

As madres se entreolham.

Pausa.

MADRE II

Elas podem seguir as músicas americanas. É uma das utilidades da língua inglesa.

Ouve-se uma sineta.

Acende-se o centro do palco

Maria Clara e Luiza, em pé.

Dois banquinhos próximos.

MADRE I

É melhor irmos para a classe.

Os três, Richard e as duas mães andam.

MADRE I

Só mais uma coisa: pense bem nas palavras da Superiora. Nesse estabelecimento, um professor lecionando não é muito comum. É exceção. Suas referências são respeitáveis bem sei, e o trabalho é pequeno. *(tom)* Como a Superiora enfatizou: agir com cuidado. As alunas são moças pobres cujo mundo é muito mirrado. Elas facilmente edificam ilusões.

MADRE II

Ainda mais com um estrangeiro tão lindo. *(tom)* A superiora disse que a ilusão é casada com o temor.

Instantes.

MADRE I

Tenho certeza que, mesmo com sua idade, terá juízo suficiente para compreender nosso temor.

MADRE II

A Superiora tocou nos assuntos importantes. Acredito que tudo dará certo.

MADRE I

Lembre-se que a superiora concluiu que a ilusão é casada com o temor.

As mães e Richard param.

LUIZA E MARIA CLARA

“E rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

MADRE I (*gesticula*)

Podem sentar, meninas.

Ambas se acomodam nos banquinhos.

LUIZA (*para Clara – baixo*)

Quem é ele?

MARIA CLARA

Não sei, Luiza.

MADRE I

Meninas, nós sempre tivemos dificuldade em encontrar um professor de inglês para nossa classe noturna.

LUIZA (*para Clara – baixo*)

Olha o bolo que ele tem entre as pernas.

MARIA CLARA (*para Luiza – baixo*)

Fica quieta.

MADRE I

Nosso Colégio é pobre.

LUIZA (*para Clara – baixo*)

Mentira. Elas são umas pão duras.

MADRE I

Necessitam pelo menos de uma visão da língua inglesa. Atualmente isso é muito importante.

LUIZA (*para Clara – baixo*)

Me encantei dele. E você?

MARIA CLARA (*para Luiza – baixo*)

Deixa de ser boba, Luiza.

MADRE I

E foi pensando nisto que a comunidade paroquial, na pessoa do padre Gustavo, encaminhou esse professor.

LUIZA (*para Clara – baixo*)

Sempre desconfiei. Ou dela, ou da Madre Angélica. Alguém anda com o tal padre Gustavo.

Acende-se a plataforma A.

Jorge está sentado numa poltrona e cochila.

Lucia costura.

MADRE I *(continua)*

Ele é um jovem americano, vejam vocês. Americano. Se dedica há muito tempo à programas de Assistência na América Latina.

Jorge acorda rápido.

D. LUCIA

Não se assuste. Estava cochilando. O jantar. Estava muito pesado?

SR. JORGE

Escutei alguma coisa.

D. LUCIA

Clara chegando, abrindo o portão.

MARIA CLARA *(ainda no banquinho)*

Boa noite.

Foco no psiquiatra na plataforma da cabeceira do palco.

PSIQUIATRA *(para Clara)*

Boa noite? É dia, um belo dia de sol. Bom dia, Clara.

MADRE I

Ele viveu um ano no nordeste do Brasil, no projeto Hope. H-O-P-E. Esperança, em português. A partir de agora, além de desenvolver seu trabalho junto à comunidade paroquial, dará três vezes por semana aula de inglês para essa classe.

LUIZA *(para Clara – baixo)*

Será que ele também vai virar sacerdote?

SR. JORGE

Boa noite.

Como se Clara estivesse chegando.

D. LUCIA

Boa noite, minha filha.

SR. JORGE

Trancou o portão? A porta da cozinha? Colocou as chaves no pino?

MARIA CLARA *(para o psiquiatra)*

Tranquei tudo, sim senhor. Boa noite.

PSIQUIATRA

Está me estranhando, Clara. Sei que hoje não deveria estar aqui. É segunda-feira. À partir desta semana virei ao manicômio quatro vezes por semana.

MARIA CLARA

Três. Três vezes por semana. Aulas.

LUIZA *(para Clara)*

Por que as duas não largam ele logo?

PSIQUIATRA

Quatro vezes. *(pausa)* Escuta, que história é essa de se trancar?

MADRE I

Acredito que todas devem aproveitar o máximo. É uma chance sem igual.

Madre I olha para Madre II.

MADRE I

Não vamos perder mais tempo. Professor Richard, pode começar.

As mãres saem.

Richard anda de um lado para o outro.

RICHARD

A primeira aula sempre é difícil. Não é aula. É conversa. Gostaria de conhecer vocês, uma a uma. Mas primeiro: Good-evening.

LUIZA *(para Clara – baixo)*

Qual é o nome dele? Good-evening?

CLARA *(para o psiquiatra)*

Desculpe, cheguei um pouco atrasada porque tive uma aula maior. Um professor novo.

PSIQUIATRA *(pensativo)*

O que aconteceu? Vamos ver. Assim. Dormiu bem? Me responde: como foi seu fim-de-semana?

D. LUCIA

Clara. Dormir. É tarde.

SR. JORGE

Boa noite.

Ouve-se uma sineta.

RICHARD

A sineta. A sineta me pegou pelo pé. Acho que nosso tempo terminou. Está na hora. Mas antes vamos repetir o verbo To Be “ser ou estar”, que aprendemos hoje.

LUIZA (*para Clara*)

Que pena. A aula terminou.

MARIA CLARA

Estou com fome.

RICHARD

I am, You are, He, she, it is. Vamos? Eu sou, tu és, ele é.

LUIZA e RICHARD (*bis*)

I am, eu sou. You are, tu és. He, she, it is, ele é. Nós somos. We are.

Concomitantemente, alguém abre a porta entre as plataformas A e B.

Apaga-se a plataforma A.

Acende-se a plataforma B.

Vê-se uma cama no centro desta plataforma.

Baixa-se um basculante no fundo da plataforma B.

Instantes.

Foco nele.

Silêncio.

CENA 6 - A IDENTIDADE

Plataforma B acesa. Uma cama e um basculante ao fundo.

Centro do palco aceso.

Maria Clara e Luiza sentadas em banquinhos.

Plataforma da cabeceira do palco. Psiquiatra em foco.

PSIQUIATRA

Está triste?

MARIA CLARA

Com fome. (*Pausa*) A geladeira está vazia.

PSIQUIATRA

Qual geladeira?

MARIA CLARA

Disse até para Luiza. Ela. (*aponta*) Minha amiga. Amiga, não: colega. (*Para Luiza*) Não foi, Luiza? Comentei que estava com fome no momento que a sineta bateu.

PSIQUIATRA

Ela não é Luiza. É Eunice.

Luiza se entorta subitamente, vira a cabeça desarrumando o penteado e faz movimentos desconexos. Se encolhe no banquinho.

Transforma-se em Eunice, uma outra louca.

Clara observa a transformação de Luiza.

MARIA CLARA

Luiza. Que é isto? Que acontece? *(tom)* Luiza. Luiza. *(tom)* Sou sua amiga, sim. Pobrezinha. Estava tão alegre com o verbo “To be”. Por quê? *(tom)* Que fizeram com seu cabelo? E essa roupa? Era outra.

PSIQUIATRA

Enfermeira. Enfermeira.

MARIA CLARA

(Para o psiquiatra) Te odeio. Sabe o que você tem nesse bolo no meio das pernas? Miolo de pão. *(pausa)* Vigarista. Falso. Disse que era meu amigo e fez isto com a Luiza.

PSIQUIATRA

Escute, Clara, não é Luiza. É Eunice.

MARIA CLARA

Espero que fique paralítico como a Nízia.

PSIQUIATRA

Enfermeira.

Entra Madre I como enfermeira. Traz uma papeleta.

ENFERMEIRA I

Dr. Claudio, como vai? Não sabia que o doutor tinha chegado.

PSIQUIATRA

O que aconteceu com a Clara no fim-de-semana? E a Eunice, por que ela está neste estado? Deixei tudo bem na quinta-feira.

ENFERMEIRA I

Com essa troca de horários a enfermagem se perdeu um pouco.

MARIA CLARA

A madre. Era o que faltava.

ENFERMEIRA I

Quieta, Clara. *(tom)* Doutor. O senhor também está trabalhando na segunda-feira. É a nova administração. O superintendente veio cheio de novidades. Comenta-se que não entende nada de manicômio judiciário.

PSIQUIATRA

Chega. Termina o assunto, por favor.

Clara se vira de costas e começa a rebolar.

ENFERMEIRA I

A confusão começou com a mudança de escala. Na sexta-feira não apareceu médico-plantonista. Nem no sábado ou domingo. As colegas não sabiam o que fazer. Era um mar de serviço. Isto ainda vai dar algum tipo de inquérito administrativo.

PSIQUIATRA

O que aconteceu com elas?

Aponta para Clara e Eunice.

ENFERMEIRA I

Na papeleta.

Passa a papeleta para o psiquiatra.

Psiquiatra lê a papeleta.

PSIQUIATRA

A Eunice está intoxicada e a Clara sem medicação há três dias.

ENFERMEIRA I

A Clara, como sempre, me contaram assim, desde sexta-feira se nega a comer. Não, primeiro ela queria pudim de leite com picadinho. Imagine. Mais uma coisa: vagem. Como não existia na casa nem sombra deste cardápio, óbvio, ela não comeu nada. Depois agarrou a Eunice pelo braço e não largou mais. O tempo todo chamava por uma tal de Luiza. Bem, delirou o tempo todo. Falou do professor de inglês, do grande amor da vida dela, das mães, do quarto dela sempre trancado. Pedia benção, as enfermeiras “Benção, madrinha. Benção, Padrinho”. *(pausa)* A enfermagem não tinha condição de controlar tudo. As duas não estavam tão mal assim. Até que a enfermeira da noite, o doutor conhece: a Matilde. Muito boa profissional. Reparou que Eunice estava ficando torta. Enfim, descobriu que a Clara estava dando todos os remédios dela para Eunice, e que a ingênua tomava tudo.

Instantes.

PSIQUIATRA

Está caindo. Ela está toda impregnada, meu Deus. *(apontando para Eunice)*
Cuidado. Olhe. Ela está tendo uma convulsão.

Eunice cai do banquinho.

Consuelo e o psiquiatra correm para socorrer Eunice.

Eunice se debate convulsivamente.

PSIQUIATRA

D. Consuelo, segure a cabeça dela, vamos. Cuidado com a língua.

Eunice em convulsão.

Consuelo e o médico tentam conter o acesso.

MARIA CLARA

Isso é fome. Fome. Coitada. O que estão fazendo? *(tom)* Vejam. Ela baba de fome.

ENFERMEIRA I

Cala a boca. Você é uma assassina.

PSIQUIATRA

Enfermeira. Vamos precisar de ajuda.

ENFERMEIRA I

Vou chamar a estagiária. Dirce. Socorra aqui. Dirce.

Apontamento musical.

Centro do palco se apaga lentamente.

Clara corre para a plataforma A (*apagada*), alcança a porta (entre A e B), entra na plataforma B, fecha a porta e senta na cama.

CENA 7 - O ESPAÇO

Cessa música.

Maria Clara inicia choro.

Instantes.

Acende-se cabeceira. Psiquiatra em foco.

PSIQUIATRA (*pausado*)

Superintendentes se revezaram, nestes últimos anos, com regularidade e assombro. Saíam de uma cartola incongruente (*tom*). A administração dançou um bailado difícil de se entender. Da mesma forma, Clara teve crises de alegria, acessos de medo e dançava o presente, o passado, o incondicional, sem cartola ou regularidade. Só assombro. Em meio a uma enxurrada de detalhes. Eu tateava, indagava e aos poucos desvendava aquilo que poderia ter sido o passado dela. Às vezes, ela era coerente, seu discurso correto. Por exemplo, no dia em que descreveu seu frio.

Psiquiatra para Clara.

PSIQUIATRA

Clara, não chore mais. Eunice está fora de perigo. A convulsão acabou.

Apaga-se o foco do psiquiatra.

MARIA CLARA

(choramingando a princípio) Um frio. Agudo. É como um arrepio esquisito. Dá vontade encolher, de rodopiar feito pião até o pé esquentar. O beijo fica ferido de tanto o dente futricar. Não durmo direito. A noite não passa. É inverno, o frio castiga. Só tinha um cobertor. Não era grosso. Que dobrava, mas não dava. Mexia, e o canto levantava. O vento fino corria firme pela espinha. Às vezes, bolinava minhas tetas. No final acabava trincando a dentadura.

Um tempo.

MARIA CLARA *(continua)*

E bate-queixo. Olha o teto lá em cima, todo cinza, que cai pelas paredes. Fantasma. Medo. Frio. Sempre medo. De quê? Só eu viva aqui mesmo. O vento. Uma lufadinha de nada que vira frio. É por causa da janela. O basculante. Nunca fecha direito. É abafado no verão e vazado no inverno. Não sei por que fazem esse tipo de janela. Não é janela. É um traste de ferro. Lá fora fica tudo partido, atrapalha a visão, a gente nunca alcança o ar e é uma desgraça para limpar. *(pausa)* *(tom)* De repente o frio vira luz. Aparece um azul, preguiço. Vira rosa e esquentar. A luz espanta o frio. Esquentar, mas é tarde. Amanheceu. Não vale mais à pena. A porta se destranca, a cama se arruma e o corpo se apruma. *(pausa)* O cheiro do ralo invade o quarto de Clara.

Tudo escuro.

CENA 8 - O MOVIMENTO

Instantes.

Enfermeira II entra (*porta A/B*) na plataforma B.

ENFERMEIRA II

Praxiterapia. Praxiterapia. É hora dos loucos brincarem de criança. Vamos à terapia de trabalho. Rápido. Rápido, bandeirolas, massinhas e tudo mais!

Acende-se o centro do palco.

Luiza, madre I e dois figurantes cruzam e estendem, de um lado a outro, trabalham com um material colorido.

O grupo trabalha feliz e rápido.

Montam uma pequena barraca de quermesse.

Papéis coloridos são iluminados

ENFERMEIRA II (*coordena*)

Isto mesmo. Babá nunca mais. Pensamentos insanos, para longe. Ao trabalho que honra e purifica. Normaliza. Vamos logo. Armar o arraial para a festa começar. Festa Junina no manicômio judicial. É atemporal. É lição. Aula, exercício. É todo dia. Estique melhor esse material. Nada de confusão, convulsão ou depressão. Isto é um trabalho sério. Exige coordenação, correção e arrumação. Vamos logo. O tempo é pouco e o Superintendente exige animação. Aos visitantes, boa impressão. Sem agressão, regressão ou agitação. Picote melhor esse crepom que o doutor quer ver a perfeição. Alusão a sua profissão. Exaltação. Vamos logo. Com eficiência, paciência e sem reverência, a ciência concerta sua consciência. (pausa) À terapia do trabalho. É hora da praxiterapia.

O grupo trabalha.

GRUPO MASCULINO (*resmungando baixo-repete*)

Com eficiência. Paciência. Sem reverência. A ciência concerta sua consciência.

Instantes.

O grupo encerra sua atividade. Os personagens, parados e espalhados pelo palco, olham em expectativa para a enfermeira II.

Instantes.

Silêncio.

Enfermeira II tira um relógio do bolso.

ENFERMEIRA II

Terapia suficiente por hoje. Todos para o refeitório.

Apaga-se o centro do palco.

CENA 9 - A FELICIDADE

Centro do palco se acende.

Luiza e Clara arrumam pratos de comida na barraca de quermesse.

LUIZA

O que preparou para a quermesse?

MARIA CLARA

Bolo de laranja.

LUIZA

Só?

MARIA CLARA

Só.

LUIZA

Tão desanimada.

MARIA CLARA

É só uma festa.

LUIZA

Hoje vai ser diferente. Pode dançar até tarde.

MARIA CLARA

Tenho que voltar cedo. Tirar o lanche de domingo. Meus padrinhos estão esperando.

LUIZA

Você e sua família. *(pausa)* Eles são seus padrinhos de verdade?

MARIA CLARA

...São.

LUIZA

Já sei por que está assim. O professor de inglês.

MARIA CLARA

Deixa de..., Luiza. *(tom)* Pára de mandar bilhetinho para mim.

LUIZA

Gosta. Você gosta. Gosta. Diz que não gosta. *(pausa)* *(tom)* A irmã Angélica se aproxima.

Entra Madre Angélica.

MADRE II

Tudo tão lindo. Essa quermesse promete. Sabem da novidade? Vamos ter ponche. Fraquinho. Mas é alguma coisa. A superiora não queria. Disse que o Padre Gustavo apreciava um vinho de vez em quando e foi tudo. Eu mesma estou preparando. Essa quermesse vai ser...divertida.

Luiza cutuca Maria Clara enquanto finge distraída que arruma os bolos.

LUIZA

Ponche para o padre Gustavo. A senhora gosta muito do padre Gustavo.

MADRE II

Esperta. Gosto do padre Gustavo tanto quanto gosto de vocês. Mas sou casada com Cristo e disto não abro mão, seja qual for a tentação. Não tenho o frescor da mocidade e essa festa, bem sei, é para vocês. Agora veja, menina, a melhor parte do meu casamento com Cristo é a disputa, são as conflitos que tenho com Ele. E aí repousa o âmago do amor. De qualquer amor. A dúvida traz o amor e a luta constrói o amor.

MARIA CLARA

Mas a senhora acha mesmo? Devemos ter dúvidas? *(tom)* Acreditar sempre? Até no amor impossível?

LUIZA

Não estou entendendo.

MADRE II

A dúvida é o primeiro sinal do amor. Com a dúvida avançamos, e isso é amor. E quando perdemos a dúvida, perdemos a direção (*pausa*). Por isto sempre digo: tentações são bem-vindas. Por isto, preparo ponche para o padre Gustavo.

Imediatamente, entram em cena madre I, Richard e alguns figurantes.

Madre II e Luiza se juntam ao grupo recém chegado.

Ouve-se música.

MARIA CLARA

Quanto custa um pedaço de bolo? Depende. Esses aqui: cinco. Os de lá: sete. De quê é este? Laranja. Aquele ali não é de chocolate. É de café.

Música ganha intensidade/o grupo dança.

Instantes.

Os atores dançam, cantam e batem palmas.

Estão alegres e a ambientação lembra uma festa jovem.

A luz do palco se concentra.

O grupo subitamente muda de música e atitude.

GRUPO

Nada de confusão. Convulsão ou depressão.

A dança é séria.

Exige coordenação, correção e arrumação.

Sem agressão, regressão ou agitação.

É a perfeição corporal.

A dança é séria.

É a perfeição corporal.

Dançam.

Instantes.

Grupo estático.

Richard deixa o grupo.

Interrompe música.

A quadrilha se desfaz e a luz do palco se apaga.

Clara corre para a passarela.

CENA 10 - A DISTÂNCIA

Passarela se acende.

Clara anda pela passarela.

Foco na plataforma da cabeceira do palco.

Chega Richard empurrando uma bicicleta.

Instantes.

Clara exclama assustada.

RICHARD

Se assustou? Medo do escuro?

MARIA CLARA

Estou acostumada.

RICHARD

Por que está indo cedo? Não gostou?

MARIA CLARA

Tenho que preparar o lanche de domingo. O senhor também está indo?

RICHARD

Não precisa me chamar de senhor. Todo mundo nesta escola me chama de professor. Me sinto um velho (*tom*) Estou indo porque tenho um compromisso. Uma reunião. Se quiser te dou uma carona. Vem na garupa, faremos um desfile de bicicleta. (*tom*) Que patético.

Instantes.

MARIA CLARA

A carona. Não, obrigado. Vou andando. É perto.

RICHARD

Posso te acompanhar? Podemos conversar.

Pausa.

MARIA CLARA

Até o portão.

Luz cai em resistência.

CENA 11 - O MAL-ENTENDIDO

Acende-se a plataforma C.

Vê-se a Madre I e II.

MADRE I

Sabia bem disto.

MADRE II

Sabia.

MADRE I

Lembra da superiora. Não foi por falta de aviso. *(tom)* Todos comentam.
Levando ela para casa.

Richard fica iluminado.

MADRE II

Noite seguida de noite. Todo o fim de classe.

MADRE I

Definitivamente não como agir. Logo com Maria Clara. Sabia que ela tem demonstrado uma certa inclinação para a vida religiosa. Irmã Angélica está aqui e pode contar a conversa que elas tiveram.

MADRE II

Sobre amor divino, dúvida celestial e luta vocacional.

MADRE I

Por favor, o senhor é simplesmente um professor.

MADRE II

Leigo e temporário.

MADRE I

Elas são pobres e carentes. Não quero escutar mais falatório.

MADRE II

Também, não.

MADRE I

Seja prudente.

MADRE II

Vamos colocar uma pedra em cima. Pura prudência.

MADRE I

Pedra e prudência. Duas palavras sólidas. Tão simples como o que significam.

Luz cai em resistência.

CENA 12 - O CIÚME

Acende-se o palco.

Psiquiatra em pé e Clara descalça anda a sua volta.

PSIQUIATRA

Mas seus padrinhos chegaram a tomar conhecimento do namoro?

MARIA CLARA

Quando o dia do juízo final chegar. Todo mundo nu. Então Deus com a sua espada de fogo vai entrar pela janela do planeta. Por cima. E sobre nossas cabeças, dividirá. *(tom)* Quem namorava quem?

PSIQUIATRA

Você namorava Richard. Amava.

MARIA CLARA

Quem contou?

PSIQUIATRA

Acabou de contar. Descreveu até seu primeiro encontro com ele, no dia da festa. Recorda? Ele ofereceu uma carona.

MARIA CLARA

Não. Não me lembro.

Instantes.

No chão vemos bandeirolas. O resto da festa.

PSIQUIATRA

A enfermeira responsável pela praxiterapia anotou que você tem reclamado.

MARIA CLARA

É mesmo?

PSIQUIATRA

Disse que você anda fazendo só bandeirolas. Pilhas e pilhas. E que exigiu uma tesoura afiada.

MARIA CLARA

Por que não tem tesoura nem faca?

PSIQUIATRA

Porque não precisa. A prova está ali. Essas bandeirolas que picotou estão perfeitas.

MARIA CLARA

Não é bandeirinha. Nem bandeirola.

PSIQUIATRA

O que é?

MARIA CLARA

Folha. Folha seca de árvore.

Pausa.

PSIQUIATRA

Vou ajudar. Está bem? Tentar recordar o quê fez e me contou. Hoje. Tudo de novo, outra vez. Lembra? *(pausa)* Contou como conheceu Richard, falou sobre a festa e da confusão que resultou seu namoro com ele. Depois foi na sala de praxiterapia, trouxe todas as bandeirinhas que fez durante a semana. Veio me mostrar. Gostei. Esparramou tudo pelo chão. Aqui estamos nós, no pátio, eu vendo você andar sobre as bandeirolas. *(tom)* Por que não conta algumas passagens do seu namoro com o professor de inglês. Uma tentativa.

MARIA CLARA

Está cego. O chão está cheio de folhas. Não faço bandeirinha nem bandeirolas.

PSIQUIATRA

Poderia me explicar o “por quê” disto. Das bandeirinhas coloridas. Que significa. Porque sei que você sabe o “por que”. Ou deve saber. Entende.

MARIA CLARA

Deve? Por quê? O doutor não está enxergando as folhas? As pessoas têm mania de inventar. É desconcertante. Exemplo: Irmã Angélica. Uma vez ela estava falando sobre o amor, qualquer amor, pensei. Fiz umas perguntas.

(tom) Foi a conta. A madre achou que eu dava para ser irmã de caridade. A desocupada pensou que minha cabeça funcionava igual à cabeça dela. Deu um mal entendido. O Richard virou uma ameaça. Eu, noviça desencaminhada. Me obrigaram a recitar e rezar feito uma mártir. Elas ajoelhadas, horas a fio. Pedindo a Ele que me convocasse para o matrimônio. Teologia. Ilusão. (tom) Eu dou para ser vedete. Gosto de dançar. (tom) As pessoas têm mania de inventar, porque só enxergam aquilo que tem nas pontas dos olhos.

Instantes.

MARIA CLARA

Folha. Ponto final.

PSIQUIATRA

Converso com quem? Espero que com a Clara que conhecemos. Que sofre, pede ajuda. Ou será que ela se escondeu em vedete?

MARIA CLARA

Sempre fui. Sou. Vedete.

PSIQUIATRA

Se tudo é fantasia...Concordo que essas bandeirinhas virem folhas de outono. Já agora não faz a mínima diferença.

MARIA CLARA

Faz. Desconfia por quê?

PSIQUIATRA

Não.

MARIA CLARA

O médico tem ciúmes do meu namoro com o Richard.

PSIQUIATRA

Eu... Certamente.

MARIA CLARA

Não adianta, sinto. Está sabendo que nós amamos no mato. Não. No parque. Praça. Em cima da grama, em frente do mundo. Não. Em cima de folhas queimadas. Também não interessa onde. Também não foi na frente de todo mundo. *(tom)* A satisfação é que dei para ele. Não dei para o médico. Não dei e nem vou dar.

PSIQUIATRA

Nunca pedi nada.

MARIA CLARA

Pedi. Pedi. Quer saber sim. Mastigar a verdade. Mas nesta comida não encosta a boca. Faminto. Vai morrer magro, mas não vai saber.

PSIQUIATRA

Não tenho mais nada que fazer aqui. Hora do almoço.

MARIA CLARA

Vai. Vou ficar aqui na praça, onde não tem porta nem janela. Onde não fica nada escondido ou fechado. Tudo ao ar livre. A gente vê até o horizonte: lá longe. No infinito. Infinito como os homens desejam a vida. *(tom)* Por que? Por que os homens matam “gentes” nas praças e concebem “humanos” nos quatinhos escuros? É estranho. Matam no claro. Fazem filho no escuro.

PSIQUIATRA

Vou fazer mais uma pergunta para perturbar sua fantasia. Como é que saiu com Richard sozinha? *(tom)* O que me conta é mentira.

MARIA CLARA

Disse. O médico está com ciúmes. *(tom)* Ciúmes é querer mais do que o outro pode dar. Apropriar-se além da conta. *(tom)* Tenho uma folha presa no cabelo. Olha só. Uma só.

Um tempo.

O centro do palco paulatinamente se apaga.

PSIQUIATRA

Foi no seu quarto?

MARIA CLARA

Onde. Onde? *(tom)* Foi na...Quer ver?

Clara estala os dedos.

Tudo escuro.

CENA 13 - A AGRESSÃO

Acende-se a plataforma A.

Jorge sentado lê jornal.

Lucia costura.

JORGE *(com jornal)*

Propriedade é propriedade. Não se tem mais respeito por nada. Você deve se certificar que as portas estejam trancadas e as janelas fechadas. Veja aqui no jornal. Um patrício. Honrado. Escute o que aconteceu. Ontem sábado.

Entra Maria Clara.

MARIA CLARA

Desculpe. Posso ir?

LUCIA

Esteja em casa antes da cinco. Nós chegaremos por volta dessa hora. Bom passeio.

MARIA CLARA

Obrigado. Até logo, seu Jorge.

Sai Clara.

JORGE

Onde ela vai?

LUCIA

Pic-nic com as colegas.

JORGE

Está indo de mal a pior.

LUCIA

Vamos almoçar com minhas sobrinhas. A moça iria ficar em casa. Sozinha. Em vez, vai a um pic-nic. Além do mais, a escola termina em semanas. Não há mal nenhum sair um pouco. Continua a história do jornal. Foi um assalto? Os ladrões arrombaram o quê? Desapropriação.

Instantes.

Jorge começa a falar, mas não escutamos a sua voz.

CENA 14 - O VERMELHO

Acenda-se a plataforma D. Clara presente.

Clara se despe e deita.

Imediatamente, Richard aparece no fundo da plataforma. Atrás do basculante.

Jorge pára de falar. Abre o jornal. Lê.

RICHARD (*baixo*)

Clara.

Clara senta, puxa o lençol.

Luz se apaga em Jorge e D. Lucia.

MARIA CLARA

Quem é?

RICHARD

Você sabe. Aparece no basculante.

MARIA CLARA

O que está fazendo? Vai acordar todo mundo. Pelo amor de Deus. Vai embora.

Richard se aproxima do basculante.

Clara se levanta.

RICHARD

Abre a porta. Preciso falar.

MARIA CLARA

Vai embora. Não tenho a chave. Por favor. Não entra aqui.

RICHARD

Preciso. Não agüento.

Richard se agarra ao basculante, ergue-se e atravessa o engradado que dá forma ao basculante.

Fica por instantes flutuando no ar.

Depois cai no centro da plataforma.

MARIA CLARA

Sou moça. Moça.

Richard puxa o lençol.

Clara desnuda.

Richard se despe.

Acende plataforma C.

Madre I e Enfermeira II em foco.

MADRE I

Pelas vocações. Pelas esposas e o eterno matrimônio.

Madre I e Enfermeira II falam baixo palavras incompreensíveis.

Richard e Clara se abraçam.

Instantes.

Acende plataforma A.

Jorge, sério, em pé, amassa bolinhas de miolo de pão.

D. Lucia costura.

Richard e Clara se amam.

Luz sobre o médico que, em pé, come um sanduíche e bebe um suco de frutas.

PSIQUIATRA

Almoço um sanduíche. Acabei me acostumando. Sanduíche.

D. LUCIA *(se fere com a agulha)*

Furei o dedo.

JORGE

Sangue.

PSIQUIATRA

Ketchup, por favor.

Richard e Clara fazem amor.

Instantes.

Música.

Luz cai em resistência de cor vermelha.

Silêncio.

Tudo escuro.

CENA 15 - A FUGA

Acendem-se as luzes.

Música total.

Rapazes e moças cantam e bailam.

Instantes.

Corpos brilhando. Mínimo: dois casais.

Instantes.

Luz cai em resistência.

Plataforma da cabeceira.

Foco no psiquiatra.

PSIQUIATRA (*alto*)

Que agitação. Clara. Volte. O que você está fazendo aí? Como conseguiu?
Volta.

Clara está na platéia.

Corre entre as poltronas e brinca com a audiência.

Foco acompanha Clara.

Ela está fantasiada de vedete.

Seu corpo reluz.

MARIA CLARA (*para alguém*)

Dr. Claudio está furioso. Ele é medíocre. E você? Está fazendo o quê? O quê? O senhor precisa me ver de calcinha e sutiã transparente. Fique descansado que não faço mal a ninguém. Só tenho medo de ser... Patética.

PSIQUIATRA

Volte para a ala feminina. Não me faça perder a paciência. Que inferno.

MARIA CLARA

Se perdeu de vez. Inferno. Diabo. (*para outro alguém*) Ele é medíocre. Olhe só. Esse homem aqui tem chifre. (*ri alto*) Que bizarro. Conta o que sua mulher anda fazendo? Depois dizem que as pessoas dessa ala são comportadas. Desaforo. Sem-vergonhice.

Enfermeira I e II chegam correndo à passarela.

Acende-se a passarela.

ENFERMEIRA I

Doutor. A Clara passou para a ala masculina.

PSIQUIATRA

Como aconteceu?

ENFERMEIRA I

Descuido da guarda do portão de comunicação.

MARIA CLARA

Olha o portão de novo. O portão se aproximando.

Clara empina o corpo frente a alguém.

MARIA CLARA

Está gostando da minha fechadura? Vou abrir mais as pernas porque assim não dá para enterrar a chave. Rindo? Aquele ali é bonito.

Ela senta no colo de alguém. Quieta.

PSIQUIATRA (irritado)

Que desorganização, enfermeira. *(pausa)* Pronto. Ela se sentou no colo de um interno. E justamente no mais psicopata de todos, conheço ele.

ENFERMEIRA II

Vamos chamar os guardas?

PSIQUIATRA

Espera um pouco.

ENFERMEIRA I

Mas, doutor, o senhor também não se decide. Depois...

Clara estica os braços e cantarola baixinho uma música de ninar.

ENFERMEIRA I *(para enfermeira II)*

Ela vai acabar se ferindo por lá e nós repreendidas pelo superintendente.

ENFERMEIRA II

Não é melhor chamar a segurança.

PSIQUIATRA

Não. Os guardas podem assustar.

ENFERMEIRA I *(para enfermeira II)*

Assustar. (*tom*) Não entendo muito esse médico. Conta para ele que ela é insana, e não se perturba com mais nada.

PSIQUIATRA

Clara. Escute com atenção. Lembra do Richard? Esse sujeito aí não é o Richard. Clara, atenção.

MARIA CLARA

Atenção. Preparação. Já.

Ainda no colo de alguém.

Tudo escuro.

Som de ondas do mar. Gaivotas ao longe.

Instantes.

CENA 16 - O DESENCONTRO

Acende-se a plataforma C. Richard presente.

Ele segura uma bicicleta.

Instantes.

Traja bermuda, camiseta e sandálias.

RICHARD

(intenção múltipla/irritado/doce/confuso/pensativo/caótico)

Preciso falar. Não sei por onde começar. Clara, difícil entender e aceitar mas... Tenho que viajar. Pronto. *(tom)* Está bem. Já sei. Não estava no programa, não esperava e tudo mais. *(tom)* Mas é inevitável. Irrevogável. *(tom)* Não. Não é por causa da escola. Que idiotice. Não agüentava mais as mães, os mexericos, os falatórios. As irmãs viviam zunindo nos meus ouvidos. “E observe seu comportamento, cumpra com suas obrigações”. Absurdo. Ou pensa que escola é o centro do planeta? *(tom)* Clara, sem culpa. Nada de remorsos. O trabalho era temporário mesmo. Não foi por sua causa. *(tom)* Você de férias? E eu desempregado? Clara, férias para você não existe e meu emprego era apurrinhação. Esqueça. *(tom)* Não entende nada. Não vê um palmo na frente do nariz. Já notou que o mundo a nossa volta está caindo de quatro? O que pensa da vida? *(tom)* Não pensa. *(tom)* Estou exigindo de você e não tenho o direito. *(tom)*. Você é apenas uma aluna e só. E pior. Parece satisfeita. Não quer mudar não? *(tom)* Desculpe. Estou nervoso, perdi o controle. Desculpe. Perdão. *(tom)* Jovem. Dizem os outros. E daí? *(pausa)* Tenho medo de envelhecer e, cada dia que passa, me

sinto mais velho. Amo a mocidade. Sou forte. *(tom)* O tempo. Clara, não está entendendo. Está? *(tom)* Por que fui me meter em programas de assistência social? Idéia de Santo jovem. *(pausa)* E pergunto porque existe egoísmo. Competição. Massacres.

Instantes.

RICHARD

Me debato frente a um mundo inapto que me incomoda. *(pausa)* Por que me incomoda? Ele não parece perturbar os outros. Até aqueles que famintos comem mal, vivem como podem e trabalham sem futuro. Todo o indigente é feliz? *(pausa)* Não é. Mas não. Ninguém é feliz. Não pode. Todos se incomodam. Todos se incomodam de uma forma ou de outra com a realidade. Se incomodam sem saber. Os pobres, abraçados à ignorância, se incomodam com a existência de cada minuto. O minuto crucial que depende do dia-a-dia, do acordar e que acontece por simples estímulo. *(tom)* Os poderosos, estão abraçados à hipocrisia, à megalomania, e se incomodam com a existência de todos os minutos. De todos os minutos. *(tom)* Todos somos infelizes. Infelizes por não acreditarmos que todos os minutos se faz infinitos num minuto e que um minuto é parte infinita de todos os minutos. *(pausa)* Minutos, segundos, a cada instante defloramos com rara eficiência, a universalidade do próprio homem. *(tom)* Cansado. Estou cansado. *(tom)* Sufocado. *(tom)* É sufocante. Angustiante. Escute, tenho medo toda vez que cruzo uma esquina: aquela ali bem na raiz do caminho. Tenho medo de ser atacado. Tenho medo dos outros homens. E ódio, ódio só de pensar que eles podem me atacar. Medo-ódio, ódio-medo.

(*tom*) Clara, desculpe, pela milésima vez explico. Tento me explicar. (*tom*) Trepei. Amei e vou embora. É isto. E é só. (*tom*) Meu pai. Talvez estivesse com a razão, ele disse: quando a cabeça de baixo se levanta a de cima não pensa. Certo? Errado. Acho que a gente pensa demais. Amar é imaginar, é se deliciar como criança para depois se arrepender. (*tom*) Perdi o amor. Perdi minha expectativa em você. Não imagino mais te amar. Desde o princípio sabia, você nunca será alguém. Sejam quais forem às condições, nunca será. Alguém. Que é ser alguém? Tentei, Clara. Tentei e trepei. (*tom*) Nunca será uma pessoa interessante, sabia?

Instantes.

RICHARD

Não tem nada para dar. Nem consegue se comunicar. Tem estrume na cabeça e faltam tripas em sua barriga. (*tom*) Desculpe, desculpe, Clara. Perdão. Culpa. É terrível. Egoísta. Competi com minha própria masculinidade e acabei massacrando você. (*toma*) Como posso ousar querer arrumar o mundo? (*tom*) Vou embora. Vou viajar. (*tom*) Tenho. (*tom*) Viajo. (*tom*) Clara, não sei quando volto. Não é outono. É verão. (*pausa*) Que estupidez. Não, não vou de bicicleta. A bicicleta está com o pneu furado. Arriado. E não adianta. Não se vai para o inferno de bicicleta. Pode-se até voltar de lá assim. (*tom*) Por que? É longe, pronto. Daqui para lá é longe. (*tom*) Vou embora. Não volto mais, sim. Não te vejo mais. Furada, sim. Pelo menos, cheia de esperança. Sim.

Silêncio.

Instantes.

Acende-se a plataforma A. Clara presente.

RICHARD (*para Clara*)

Preciso falar.

MARIA CLARA

Também.

RICHARD

Diz.

MARIA CLARA

Diz primeiro.

Um tempo.

RICHARD

É difícil, complicado. Tenho que viajar por uns meses. Coisa pouca.

MARIA CLARA

Não. Não pode.

RICHARD

Procura entender. Preciso arranjar novo emprego.

Instantes.

MARIA CLARA

Você é meu dia-a-dia.

RICHARD

Sou suas noites.

MARIA CLARA

Vou com você. Vamos fugir.

RICHARD

Agora, não.

MARIA CLARA

Quando?

RICHARD

Espere mais um pouco. Volto seguro ano que vem.

MARIA CLARA

Março, Abril ou Maio?

Richard em silêncio.

MARIA CLARA

Responde. Responde. Como é que vou ficar assim?

RICHARD

Assim. Como?

Apaga-se a plataforma C.

CENA 17 - O ESCLARECIMENTO

Plataforma A acesa.

MARIA CLARA

Doutor. Furada e fornicada. Com um peso na cabeça e com outro na barriga. Que mexe. Por que é tão importante o buraco que a gente tem entre as pernas?

Acende-se o centro do palco.

Eunice, em pé e meia torta, se coloca próximo a uma cadeira de rodas onde se vê D. Lucia sentada.

EUNICE

Porque é. Os homens gostam, não gostam? A cabeça da gente reclama um carinho lá, não reclama?

MARIA CLARA

Ele volta, Luiza. Ele tem que voltar. É por causa das férias

EUNICE

Está tomando chá?

MARIA CLARA

Chá.

D. LUCIA

Chá.

EUNICE

Chá.

MARIA CLARA

Não sei se quero. Não sei se quero. Perder meu filho. Luiza, não adianta.

EUNICE

Sua barriga já está grande.

MARIA CLARA

Luiza, pára. Tenho medo.

EUNICE

É culpada. Deixou acontecer. Ele agora desapareceu. Desapareceu. E você não toma providência nenhuma. Toma cuidado com a barriga.

MARIA CLARA

Cuidado. Às vezes tenho vontade de achatar ela para sempre. Bater o umbigo contra a mureta. Outras vezes, sinto amor. Ondas. E se minha barriga fosse de pele transparente? Bom. Só para ver o que se passa lá dentro. *(pausa)* Sabe, aquele espelhinho redondo. Pus lá embaixo. Só para ver alguma coisa. *(pausa)* Olhei e vi um escuro dentro de mim.

EUNICE

Cuidado. Na sua casa eles vão acabar notando. Daqui a pouco não vai adiantar se enfaixar toda.

D. Lucia costura sentada na cadeira de rodas.

MARIA CLARA

Primeiro o chá, depois as faixas que apertam. Se ele não aparecer, vou fugir.

EUNICE

Não tem dinheiro. Como vai fazer?

MARIA CLARA

Deus vai ajudar. Ele volta.

EUNICE

Voltar de onde? Não se sabe nada dele. Não acha melhor conversar com as irmãs?

MARIA CLARA

O que elas entendem disto? Aquelas madres amam uma pessoa invisível.

EUNICE

Clara, imaginou o que pode acontecer se tiver essa criança. Quanto tempo falta?

MARIA CLARA

Setembro, Outubro, Março, Maio. Quatro meses. Se nascer, nasce em Maio.
Mês de Maria.

EUNICE

Janeiro, Fevereiro, Março, Dezembro, Setembro. Está com ele desde
Setembro?

MARIA CLARA

Não. Desde julho do ano passado.

EUNICE

Não sabia. Não me contou nada.

MARIA CLARA (*pensativa e triste*)

Quem cochicha o rabo espicha. Não contei para ninguém.

Instantes.

Silêncio.

D. LUCIA (*da cadeira de rodas*)

Clara, já acabou de preparar a vagem?

MARIA CLARA

Terminando, D. Lucia.

D. LUCIA

Acaba logo. Depois vou preparar o picadinho. Seu padrinho adora vagem com picadinho.

MARIA CLARA

E o pudim de leite?

A plataforma apaga.

D. LUCIA

Hoje não. Quando faço pudim de leite sempre me lembro de Nízia, a parálitica. Fico nervosa (*pausa*) Posso virar a Nízia. Não quero ficar igual a Nízia.

Silêncio.

Tudo escuro.

CENA 18 - A EVIDÊNCIA

Centro do palco aceso.

Richard chega correndo ao centro e pára.

Acende-se a plataforma da cabeceira.

Psiquiatra em foco.

PSIQUIATRA

Quem é Richard? Ele existiu?

Acende-se a plataforma B. Clara presente, em pé.

MARIA CLARA

Fiquei grávida como?

Richard acompanha o diálogo de ambos, Clara e psiquiatra, com movimentos de cabeça.

PSIQUIATRA

Às vezes duvido até que tenha ficado grávida.

MARIA CLARA

E o que é isto aqui?

Clara levanta o vestido e mostra o abdômen.

Tem um feto pintado em torno de seu umbigo.

Richard olha com atenção.

Silêncio.

O feto reluz.

PSIQUIATRA

Isto é um feto pintado em sua barriga.

MARIA CLARA

Ninguém acredita em mim. Não se incomoda comigo. Eu não importo?

PSIQUIATRA

Eu me incomodo... Você é importante para mim.

MARIA CLARA

Doutor. Gosta da minha loucura? Das voltinhas dos meus miolos? *(tom)* Me acha uma pessoa interessante ou doente?

PSIQUIATRA

Você se confunde e sofre. Conte a verdade.

MARIA CLARA

O que quer saber?

Richard se agita no centro do palco. Demonstra ansiedade.

PSIQUIATRA

Richard existiu? O que aconteceu com ele?

MARIA CLARA

Não sei, Richard sumiu. *(tom)* Já disse. *(pausa)* Mas.

PSIQUIATRA

Então?

Silêncio.

Instantes.

MARIA CLARA

Um dia qualquer eu tive um sonho. Um sonho qualquer e vi qualquer Richard correr no mato. Ele abriu uma qualquer porta. (*tom*) Estranho. A porta era no chão.

Luz se transforma.

Richard abre um alçapão.

Do alçapão se projeta luz e notam-se sombras.

Richard entra.

Ouvem-se ruídos ou vozes.

PSIQUIATRA

Cova? Sepultura?

MARIA CLARA

No chão. Não tinha fechadura na porta. Sabia que ele não devia entrar. Dali não tinha volta. Por isto a porta não tinha ferrolho. Ele não ia voltar de lá nem de bicicleta. Mas entrou. E gente morreu. Gente morreu. Acabou.

PSIQUIATRA

Morreu? Ele morreu? Em que condições?

MARIA CLARA

Sabia, sempre soube, que porta sem fechadura é perigoso. Cilada. Armadilha e ratoeira. É feito de propósito para a gente se cativar, não pensar e atravessar.

Richard fecha a tampa do alçapão e desaparece.

Apaga-se a luz do centro do palco. Centro escuro.

PSIQUIATRA

Um momento. Isto é um sonho.

MARIA CLARA

Até nos sonhos se quer e não se pode. Queria avisar. Voz não saía. *(tom)* Richard. A barriga mexeu. *(tom)* Acordei. Veja meu filho. *(mostra a barriga pintada)*.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Conte a verdade. Se confundiu de novo.

MARIA CLARA

Falei tudo certo. Se os homens pregam até o caixão, por que iam fazer porta sem fechadura? Eles têm medo até dos mortos. Sim, senhor, porta sem dificuldade é traição. É fim. Morte certa.

PSIQUIATRA

Não estou me referindo às portas. Me refiro a Richard, aos fatos.

Silêncio.

MARIA CLARA

Conto a verdade, mas ninguém. Ninguém pode imaginar o que aconteceu. As aulas começaram atrasadas, e sem professor de inglês. A vida era a mesma. (tom) Tudo igual?

Apaga-se foco do psiquiatra.

Ouve-se um sino.

CENA 19 - A ROTULAGEM

Clara iluminada.

MARIA CLARA

Minhas pernas. As costas doíam. Eu engordava. *(tom)* Me lembro. Voltei depois da aula e me tranquei no quarto. Ouvi o padrinho conversar longe com a D. Lucia.

Acende-se a plataforma A.

Senhor Jorge, em pé, e D. Lucia sentada. Ambos estáticos.

MARIA CLARA

Tirei os sapatos. A barriga. Bom. Cocei. Foi, rápido. Vi uma luz passar pelo basculante. Pensei no carro do padrinho. Não podia ser.

Imediatamente da passarela escura aparecem três homens.

Cada um empunhando uma potente lanterna acesa passa a rastrear o espaço, platéia e palco, com seus respectivos focos de luz.

Os três homens focalizam a sala.

JORGE

Só podia dar nisto. Culpa sua, Lucia.

D. LUCIA

Impossível. Não é verdade.

HOMEM I

Só averiguação, madame. Um tal de Richard.

HOMEM II

O nome dela estava na caderneta dele. Informação. Segurança.

HOMEM III

Ela era amante dele. E ele era um terrorista. Morreu em combate.

Homem I dirige seu feixe de luz para a plataforma B.

Clara em foco fixo.

Homem II mantém foco fixo na plataforma A. Lucia e Jorge em foco.

E homem III mexe seu foco.

Todas as outras luzes se apagam.

D. LUCIA

Deve haver um engano.

JORGE

É uma vagabunda. Imagine se a gente não tomasse certas providências. Esta casa estaria cheia de homens. Um prostíbulo. Essa casa iria virar um bordel.

D. LUCIA

Pelo amor de Deus, não fale assim.

JORGE

Falo. Estou em minha casa.

HOMEM I

Onde ela está?

D. LUCIA

Mas quem é ele? Nós conhecemos?

JORGE

Lucia, cale a boca. Não se mete.

D. LUCIA

Quem é ele?

Em sequência rápida.

HOMEM II

Um ladrão, madame.

HOMEM III

Cafetão.

HOMEM I

Rufião.

HOMEM II

Um cafajeste.

HOMEM III

Pivete.

HOMEM I

Gilete.

HOMEM III

Viado.

HOMEM I

Contista.

HOMEM II

Pagão.

HOMEM III

Um viciado.

HOMEM I

Um humanista

HOMEM II

Socialista.

HOMEM I

Anarquista.

HOMEM II

Um artista.

HOMEM III

Capoeirista.

HOMEM I

Um ecologista.

HOMEM II

Cientista comunista.

HOMEM III

Um judeu.

HOMEM I

Bêbado.

HOMEM II

Um preto.

HOMEM I

Um maconheiro.

HOMEM III

Punheteiro.

HOMEM II

Humorista.

HOMEM I

Macumbeiro.

HOMEM III

Um louco.

HOMEM II

Um anormal.

HOMEM I

Subnormal.

Pausa.

HOMEM I

Uma criança.

HOMEM II

Um velho.

Pausa.

HOMEM III

Um homem, madame.

Tudo se apaga. Clara se desespera. Baixa-se uma grade.

Clara atrás das grades.

Mudança de luz.

O palco se transforma em uma prisão.

Comentário musical.

MARIA CLARA

Preso. Surrada e maltratada sem saber “porque”. Preso. Estou preso. Isto aqui é uma prisão. Isto aqui é um hospício. Isto aqui é um manicômio.

Silêncio.

Clara sorri.

MARIA CLARA

É uma prisão.

Mudança de luz.

CENA 20 - O INSTIGANTE

Centro do palco aceso.

Psiquiatra fala.

Os pacientes arrumam um semicírculo composto por banquinhos e uma cadeira de rodas.

Instantes.

D. Lucia (*na cadeira de rodas*), Luiza, Richard e Sr. Jorge se sentam, dois banquinhos ficam vagos.

PSIQUIATRA

Um médico inglês, com muita propriedade, arriscou e disse: “Normalidade não é sinal de sanidade”. Desencadeou assim uma nova visão da loucura. Fez com que a dita patológica psiquiátrica, fosse vista como um problema de comunicação. (*tom*) E assim foram criados em todo o mundo: os grupos terapêuticos. A idéia era simples. Pacientes divididos em grupos mistos debatiam seus problemas e tentavam se comunicar. (*tom*) Sonhador, estabeleci esse tipo de terapia no manicômio. Parecendo um amador, tentava alcançar um resultado. Quando não havia, nem há, resultados. O que acontecia era uma explosão de pensamentos. (*tom*) O meu grupo? Foi instigante. (*tom*) Logo queria ampliar o grupo, iniciar novos. Vibrei. Planejei. (*tom*) Grande ilusão. Levei, por exemplo, minhas desconfianças. O temor de ser ludibriado por uma psicótica chamada Clara.

Instantes.

Mudança de luz.

CENA 21 - O CONJUNTO

Os personagens sentados iniciam uma algazarra.

Um canta, outro emite sons inaudíveis; Luiza se entorta, vira Eunice; D. Lucia bate os pés, vira Nízia; Sr. Jorge, vira Jorge e Richard, Ricardo.

O psiquiatra senta num banquinho.

Instantes.

PSIQUIATRA

Silêncio. Vamos começar a sessão.

NÍZIA

Está faltando a Clara.

EUNICE

Ela disse que está grávida.

RICARDO

Pobrezinha.

JORGE

Vagabunda.

PSIQUIATRA

Momento. Vocês acham que a gente espera ou começa assim mesmo?

EUNICE

Não.

NÍZIA

Não.

RICARDO

Não. Esperar, não.

JORGE

Espera.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Não precisa. Ela está chegando.

Entra Clara acompanhada pelas duas enfermeiras.

ENFERMEIRA I

Clara, para seu lugar.

ENFERMEIRA II

Podemos ir, doutor?

Clara cruza o semicírculo e senta no único banquinho vago.

PSIQUIATRA

Uma pergunta: Clara queria vir à sessão?

ENFERMEIRA II

Claro que não.

PSIQUIATRA

Já avisei que os pacientes não são obrigados a vir à sessão. Eles devem ser apenas comunicados.

ENFERMEIRA I

Doutor.

EUNICE

A Nízia também não queria.

NÍZIA

Mudei de idéia. Agora quero ficar aqui.

EUNICE

Disse que não queria porque era parálitica.

NÍZIA

Foqueira. Conta tudo.

ENFERMEIRA II

Podemos ir?

NÍZIA

É companhia. Sou tão sozinha. Fica enfermeira.

MARIA CLARA

Detesto. Rua.

EUNICE

Para mim tanto faz.

JORGE

Enfermeira é enfermeira. Guarda é guarda. Insano é insano. Não fica. E a hierarquia?

Instantes.

PSIQUIATRA

Dou voto de Minerva: elas vão ficar.

ENFERMEIRA II

Logo hoje?

PSIQUIATRA

Algum trabalho importante?

ENFERMEIRA I

Olha. Doutor, o senhor desculpe. Sei que não tenho nada com isto, mas acho que isto está indo longe demais.

PSIQUIATRA

Como assim?

ENFERMEIRA II

É sim, doutor. Longe demais.

ENFERMEIRA I

Misturar detento masculino com feminino. Fazer reunião sem autorização da administração. Obrigar a gente ficar aqui por causa deles. Não faz parte da norma.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Que norma? O importante agora é tomar parte do grupo. Acho que assim vocês podem se envolver na cinética.

RICARDO

Cinética?

JORGE

Cala a boca, Ricardo.

RICARDO

Não compreendi.

JORGE

Quando o mais poderoso fala, todos devem baixar a cabeça debaixo. Ou a de cima?

RICARDO

Tenho direito. Direito. Toda vez que não entendo pergunto. Certo?

PSIQUIATRA

Um instante só. Estamos discutindo outro assunto. *(tom)* Voltando. Acho que as enfermeiras devem ficar. *(para as enfermeiras)* Se vocês compreendessem a filosofia da terapia, talvez não cometessem erros como esse. Acho válido pelo menos uma observação atenta, por parte do corpo de enfermagem, daquilo que estamos tentando inaugurar neste manicômio.

RICARDO

Fica. Meu amorzinho.

Grupo começa a vaiar.

PSIQUIATRA

Calma. Silêncio.

Todos se calam.

ENFERMEIRA II

Muito bem.

ENFERMEIRA I

Também temos o direito de expressar nossa opinião?

Um tempo.

PSIQUIATRA

Certamente. Neste ponto acho que a senhora está certa. Mas quanto à autorização, comunicarei à administração quando achar oportuno.

MARIA CLARA

Bem feito.

ENFERMEIRA I *(para enfermeira II)*

A administração já sabe e, graças a Deus, em breve não estarei mais aqui. Vou entrar de licença.

ENFERMEIRA II *(para enfermeira I)*

Quem ele pensa que é?

MARIA CLARA

As mães estão cochichando. Quem cochicha rabo espicha.

PSIQUIATRA

Silêncio, Clara. *(tom)* Todo mundo aqui dentro se esquece de uma coisa: o doente. A superintendência se preocupa exclusivamente com a fachada do prédio. A enfermagem, com a brancura de seus uniformes. Meus colegas, a maioria deles, com o tamanho de seus anéis. Não é esquisito? Todos despacham, de uma forma ou de outra, o fundamento do nosso serviço: tratar. Tratar. É o fundamento. *(tom)* Que mecanismo é esse? Que faz o médico detestar o doente, governo seu cidadão e a humanidade o próprio homem? *(tom)* Acho que existe uma grande crise vocacional na humanidade.

Instantes.

ENFERMEIRA I

Vocação? É porque o senhor não vive onde eu moro.

ENFERMEIRA II

Nem tem quatro filhos para criar e ganha o meu salário.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Para finalizar: uma observação. Não permitirei mais que doentes sejam chamados de loucos. Assassinos. Presos ou insanos. Ou sei lá o que mais. Pacientes. É essa a nomenclatura correta.

Silêncio.

Instantes.

RICARDO

Fundamento. Que é fundamento?

JORGE

Cala a boca, assassino.

Um tempo.

RICARDO

Assassino. Assa-ssi-si-no. *(tom)* Quem? Ex-pli-pli-ca. Quem: quem é? Quemquem, quem? Quem sou eu? Quem? Sou Ricardo. Ricardo. *(tom)* Matei meu patrão. Padre Gustavo. Ricardo matou Padre Gustavo. *(tom)* Padre Gustavo era meu patrão.

EUNICE

Mentira. Mentira. Ele matou a namorada. Conto para vocês como foi.

NÍZIA

Fique quieta, Eunice. Deixe de ser fofoqueira. É uma linguaruda. Malvada. Torpe. Conto como você veio parar aqui. Ela contou para a família toda que a irmã estava grávida. Os pais expulsaram a irmã de casa. Não satisfeita, foi atrás. Matou a irmã. Depois, tentou suicídio: três vezes. Fofoqueira. Invejosa. Até hoje ainda tem inveja da irmã defunta.

EUNICE

Matou seu marido. O marido. Fofoco. Fofoco. Fofoco. Matou o marido. O esposo.

JORGE

A enfermeira está certa. Não sabem se comportar. São uns loucos assassinos e como tal não tem direito nenhum. Viva o Presidente da República.

A enfermeira ri.

RICARDO

Assa-ssa-ssino é Jorge. Ele matou a ama-mante, amante e o marido dela operário. Você ma-tou duas pessoas.

JORGE

Não sabe nem como se explicar. Fala como gente. Bicho. Não sabe se comunicar. Bicho.

Ricardo e Jorge se enfrentam.

Todos se levantam, à exceção de Nízia.

PSIQUIATRA

Calma. Por favor. Enfermeira, ajude. Calma. Sentado. Todo mundo sentado.

Tudo volta ao normal.

Instantes.

PSIQUIATRA

Parece que nós começamos nossa sessão de hoje. Um pouco. Escaltados.
Faz parte da natureza humana.

Silêncio.

Enfermeiras ladeiam o grupo que acabou de sentar.

PSIQUIATRA

Sugiro que alguém tome a palavra.

MARIA CLARA

Ninguém perguntou quem eu matei. *(pausa)* Ninguém.

Um tempo.

PSIQUIATRA

Talvez não precise. Você mesma pode contar.

Silêncio.

MARIA CLARA

Matei um pavão e usei as plumas na minha fantasia de vedete.

Risos gerais.

ENFERMEIRA II

Clara. Você é cínica e má. *(tom)* Não é assim que funciona o grupo, doutor?

Silêncio.

PSIQUIATRA

É quase assim, enfermeira. Nós só não podemos ser anti-psiquiátricos, antíteses do tratamento. Ou tudo aquilo que isso significa.

Instantes.

Centro do palco escurece ligeiramente.

As enfermeiras saem de cena.

Comentário musical.

CENA 22 - O INCONDICIONAL

Acende-se o centro do palco.

Grupo e o psiquiatra continuam sentados.

Mesmas posições.

PSIQUIATRA

(com papéis em seu colo)

Ninguém aqui é da polícia.

RICHARD

Detesto alcagüete.

NÍZIA

Que tem de errado nisso?

JORGE

(fica em pé e senta após a fala)

Uma serraria-serralharia. Sempre fui gerente de coisas importantes. Tenho faro de comerciante. Metal é o negócio do futuro.

PSIQUIATRA

Está bem, Jorge. Mas agora estamos estudando o problema de Clara. *(tom)*
Clara, não acha que está confundindo nomes e situações? Por que foi presa?

MARIA CLARA

O que tem de errado nisso?

PSIQUIATRA

Não entende? É uma ilusão. Colégio não é serraria, casa não é hospício.

NÍZIA

Meu marido era dono de uma farmácia. Ele ficava o dia inteiro no balcão e eu em casa. Tão sozinha. Sozinha. Uma tristeza.

RICARDO

Fantasia ou não, todos aqui devem ser respeitados, doutor. Cada trapaça da cabeça é uma vida.

Um tempo.

PSIQUIATRA

Mas a trapaça não pode atrapalhar o existir de outros seres humanos.

RICARDO

E sonho atrapalha?

PSIQUIATRA

Complica no instante que bloqueia a realidade, forma bolsões improdutivos de imaginação e intimida a coerência do próximo.

RICARDO

Fala difícil. Coerência. *(tom)* Coerência. *(tom)* Cada trapaça da cabeça é uma vida.

Silêncio.

PSIQUIATRA *(para Ricardo)*

Não vou discutir. *(tom)* Clara, de onde tira essas histórias?

JORGE

Daqui. Do manicômio mesmo. Da gente.

EUNICE

Conto a história de Clara. Ela não precisa contar: era uma vez uma garotinha formosa que ficou grávida, não quis abortar, fugiu de casa por causa de uma fofoca e foi presa por mendigar. Vergonha para a família.

NÍZIA *(interrompe)*

Esta é a história da sua irmã.

Silêncio.

PSIQUIATRA

E então, Clara?

MARIA CLARA

Qual é a diferença. Minha história, ilusão. Tudo é a mesma coisa. Asilo, casa, serraria, colégio. Qual é a diferença entre colégio e uma serraria? Nenhuma. Nos dois lugares eles serram o pensamento da gente. *(tom)* Ah! O hospício? A casa? Toda família é desequilibrada. Pronto. Não tem diferença. *(tom)* A quem importa. Os lugares ou os fatos que aconteceram? *(tom)* “Verdade” é uma mentira que deu certo.

Instantes.

EUNICE

Ela é uma louca diferente.

Silêncio.

Grupo estático.

Três senhores de terno se aproximam do centro do palco.

CENA 23 - A SOLENIDADE

Senhor II pigarra.

Senhor III dá um adeusinho para enfermeira I que corresponde com outro aceno.

PSIQUIATRA

Senhor Administrador, que surpresa.

O grupo olha em expectativa para os recém-chegados.

SENHOR I

Gostaríamos de ter uma palavra com o doutor.

PSIQUIATRA

Um momento.*(tom)(para o grupo)* Me aguardem sentados. Por favor.

Psiquiatra caminha, sai do semicírculo e encontra os senhores.

PSIQUIATRA

Boa tarde.

SENHOR II

Os detentos vão ficar ali?

PSIQUIATRA

Não tem problema.

SENHOR II

Como não tem? Vão escutar nossa conversa.

PSIQUIATRA

Acredito que não temos nada a esconder.

Os senhores se entreolham.

SENHOR I

Se assim deseja, conversaremos aqui. Agora.

PSIQUIATRA

Melhor.

SENHOR III

O doutor pediu autorização para efetuar esse tipo de reunião?

PSIQUIATRA

Estou experimentando esse novo método, achei prematuro e inútil uma autorização.

SENHOR II

Inútil.

PSIQUIATRA

Prematuro (*tom*) Não tive tempo para avaliar o benefício da terapia. Estou preparando um relatório.

SENHOR I

Terapia.

PSIQUIATRA

Inglesa.

SENHOR III

Doutor. Estamos num manicômio judiciário. Aqui não é uma clínica psiquiátrica.

SENHOR II

A autorização. (*tom*) Quer dizer que as autorizações só servem para as coisas inúteis e prematuras. (*tom*) Sua definição de autorização é bastante precária.

PSIQUIATRA

Senhores, agi de boa fé. Sou médico, não um carcereiro e tento instituir aqui o que existe de mais moderno. Humano. Penso que se trabalharmos na recuperação desses doentes. A sociedade.

SENHOR I

A sociedade já decidiu o futuro deles.

SENHOR II

Essa miscigenação sexual nas sessões sempre causaram problemas. *(tom)* Imagine se a imprensa descobre. A manchete é previsível: “Curra no manicômio a pedido do médico”.

Os componentes do grupo pouco a pouco se retiram.

Levam seus respectivos banquinhos.

SENHOR III

Doutor. Surpresos com a sua conduta. Não sei onde quer chegar.

SENHOR II

E logo nessa administração. Considerada a mais realizadora de todas.

SENHOR I

Já viu a nova ala? Moderna. Não, claro que não viu. Para isto não teve olhos.

SENHOR II

As grades feitas do metal mais resistente. Nenhum elogio.

SENHOR III

Estamos atravessando uma fase de enorme progresso.

PSIQUIATRA

Se me deixassem explicar, falar. .

SENHOR I (*interrompendo*)

Enfim, o que queremos dizer é o seguinte: dentro em breve esta administração, de acordo com a superintendência, é lógico.

PSIQUIATRA

Se me deixassem falar.

SENHOR II

Não interrompa, por favor.

SENHOR I

A administração, em vista à próxima reforma dos manicômios judiciários, decidiu.

SENHOR II

Proibir toda e qualquer de experiência terapêutica que não se encontre no manual de rotina diária.

SENHOR I

Remanejamento de funcionários.

SENHOR II

Transferências. Alguns médicos.

PSIQUIATRA (*enérgico*)

Chega. Merda. Chega.

Silêncio.

SENHOR II

Desacato à autoridade.

Instantes.

PSIQUIATRA (*baixo*)

Se os senhores me deixassem.

Silêncio.

PSIQUIATRA

Mas se os senhores. *(tom)* Queria dizer que. *(pausa) (alto)* “Bem aventurados os donos da verdade. Pois deles será o reino dos céus.”

Os senhores se entreolham.

Os três senhores saem.

Psiquiatra sozinho no palco vazio.

Instantes.

Caminha patético.

Subitamente tudo se apaga.

Música.

CENA 24 - O DIÁLOGO

Acende-se a plataforma B.

Clara está atrás das grades.

MARIA CLARA

Pobre. Vai embora. Vai ser despedido. Transferido. Também quem mandou? Inventar novidade no reino das novidades. *(tom)* Saudades da vedete. De mim. Das outras? *(tom)* Escute. Vou contar rápido, depressa, veloz o resto da minha história antes que seja tarde demais.

Clara se transforma.

Luz ténue plataformas B e C.

Baixa-se uma janela entre as plataformas B e C; e um basculante ao fundo da C.

Acende-se o centro do palco. Clara sai da plataforma B e corre para o centro do palco.

MARIA CLARA

A barriga cresceu na prisão. Ficou grande. Imensa. *(tom)* Um dia assinei uns papéis. As grades. Abriram as grades.

Entra D. Lucia toda arrumada.

Traz uma mala e conversa com Clara.

Grade vai subindo devagar.

LUCIA

Abismada. *(pega um lençinho)* Um drama. Minha filha, sinto falta de você. Está bem? E a criança? *(chora)* Como veio parar aqui? Meu Deus, Clara. Por que se entregou a este homem? Trouxe suas coisas na mala. Está livre. Sabia? *(tom)* Infelizmente seu padrinho não quer mais ver a sua cara. Ele sempre foi muito exigente com os costumes. *(pausa)(tom)* Clara, minha filha. Vai dar à luz. Você será mãe. Mãe. *(tom)* Sabe o que isso significa? Luiza esteve lá em casa. Mandou beijos.

MARIA CLARA *(para Lucia)*

De repente senti um belisco.

Sr. Jorge entra depressa e belisca Clara.

LUCIA

Um lugar bem longe daqui. Trouxe uns dinheiros. Coisa pouca. Eu sei. Mas dá para o gasto da viagem. Estou preocupada. Abismada.

MARIA CLARA *(para Jorge)*

Pára. Que sacanagem é essa?

LUCIA

Filha, o que aconteceu? Gosto de você e estou aqui fazendo o que posso. *(tom)* Que palavreado é esse?

Jorge volta a beliscar Clara.

MARIA CLARA

Pára. Que coisa.

LUCIA

Confusa. *(pausa)* Não quer nem ouvir minha voz. *(tom)* Também estou magoada com você. *(tom))* Você me enganou. Traiu sua família. *(choraminga)*.

MARIA CLARA

Richard. O que está fazendo. Na praia?

Entra Richard e senta no chão.

Traz na mão folhas secas.

Som de mar.

Richard sorri, mostra-se alegre e se comporta feliz

LUCIA

Richard. É este o nome do rapaz? Richard. Foi ele?

Jorge volta a tocar Clara.

MARIA CLARA (*para Lucia*)

Só pensa em sacanagem?

LUCIA

Não. Não estou pensando em nada disso. Não tenho interesse nenhum em seu passado. Não quero saber com quem foi.

Jorge escorrega os dedos pelas costas de Clara.

MARIA CLARA

Que arrepio.

LUCIA

Febre? Você está sentindo alguma coisa? Quer sentar? *(tom)* Talvez seja melhor sairmos logo. Vou te levar para a estação imediatamente. Deixei um táxi esperando lá fora.

Richard joga as folhas para cima. Momento de grande satisfação. Jorge se encosta em Clara.

MARIA CLARA *(para Lucia)*

Que bom. Bom. Richard. Nós estamos sozinhos?

LUCIA

Nós estamos sozinhas. Sim. *(tom)* Está alterada. Pobre. *(tom)* Com tudo que aconteceu. Também estou abismada. Briguei com seu padrinho. E vim aqui para ajudar. Custe o que custar. Gosto de você.

MARIA CLARA *(para Lucia)*

Pára de me sarrar.

LUCIA

Deve ter aprendido estas palavras na prisão. *(tom)* Que infelicidade. *(tom)* Está grávida. Não se exalte.

Jorge belisca novamente.

MARIA CLARA (*para Lucia*)

Pára. Filho da puta.

Richard olha assustado para Clara.

Jorge estático.

D. Lucia atônita.

LUCIA

O que fiz para receber esse tratamento? Está bem. Fechei os olhos. Cerrei as pálpebras. Tentei esquecer. Sabe o que quer dizer “tentar esquecer”?

Jorge rapidamente passa as mãos nas nádegas de Clara.

MARIA CLARA (*alto*)

Tentar esquecer. Tentar esquecer.

Clara dá uma bofetada no rosto de D. Lucia.

Jorge foge.

Richard coloca a mão no rosto como se recebesse a bofetada.

Richard geme.

D. Lucia sentida se afasta.

MARIA CLARA

Desculpe. Richard, não queria bater. Juro. Uma confusão.

LUCIA

É outra pessoa. (*choraminga*) Nunca pensei que pudesse me bater. Desculpo. (*tom*) Talvez esteja certa. Também sou culpada. Culpa.

Richard se retira.

Instantes.

LUCIA

Que tristeza. É melhor, talvez...Vá sozinha para a estação. O dinheiro está na mala. Adeus, Clara. Adeus. Eu te desculpo. E te agradeço. Adeus. Fechei os olhos. Tentei esquecer.

D. Lucia se retira.

Instantes.

MARIA CLARA

Estranha D. Lucia. *(tom)* Madrinha. Madrinha. Volta.

Silêncio.

MARIA CLARA

Uma folha. Achei uma folha. *(tom)* Ainda tive tempo de achar uma folha na calçada. *(tom)* O mar. Olha lá o mar.

Clara se coloca de cócoras e pega uma das folhas deixadas por Richard.

Ruído de mar toma conta.

Luz cai em resistência esverdeada.

CENA 25 - A MATERNIDADE

Clara, em foco, de cócoras.

MARIA CLARA

Tuk. Tuk. O barco. Atravessava a baía. (*mexe-se de cócoras/imita uma máquina*) Um tuk. Tuk. No mar. O mar é bonito porque vê o infinito e encontra o céu. A janela de Deus. Tuk. Tuk. Tuk, na minha barriga também. O barco pelo mar. E tukuk. Tuk. Tuk, na barriga. Tuk. Tuk, do motor diminuiu. Acabou. Mas o tuk da barriga aumentou. Comecei a andar como marinheiro, como se a terra fosse uma grande balsa boiando. Tinha um homem de ferro na praça grande. Uma estátua. Tuk, fazia a barriga. A barriga chiava o tuk.. O tuk do motor. Fiz xixi. Xixi. No meio da praça. Que vontade de fazer xixi. Um xixi diferente, grosso, que despencou pelas pernas. Vermelho. O xixi era vermelho. Tuk. Tuk, berrei e me sujei. Ardia, doía as pernas. E tuk.

D. Lucia entra na plataforma B segurando uma cadeira de balanço.

D. Lucia coloca a cadeira no centro da plataforma e senta.

MARIA CLARA (*continua de cócoras*)

Falta de ar. Calor subia. Frio descia. *(começa a arfar)* Igual ao tuk, tuk da cadeira de balanço de D. Lucia. Tuk, fazia a cadeira. Tuk, a barriga. Forte. A cadeira. Tuk. O barco.

Acende-se o foco da plataforma da cabeceira. Psiquiatra presente.

Ele veste a mesma roupa de Richard, quando atua na praia.

PSIQUIATRA

Não se incomode, Clara. Foi Nízia que entrou em sua cadeira de rodas.

MARIA CLARA

Por que está com esta roupa?

PSIQUIATRA

Que roupa?

MARIA CLARA *(irônica)*

As mesmas do Richard. Quer se aproveitar sexualmente da paciente. Diz que sim. Se vestir com a mesma roupa dele. O Médico é o carcereiro. Diz. Foi você que fez um filho em mim? Ou foi o carcereiro?

Silêncio.

Instantes.

MARIA CLARA

Tuk. Ele saiu. Saiu.

O médico desaparece.

Imediatamente Richard sai violento e rijo do alçapão. Fumaça e luz do interior do alçapão.

Richard, em pé estático, mantém a metade inferior dentro do alçapão, chora feito criança recém-nascida.

Instantes.

Silêncio.

Apaga-se o centro do palco (Richard no alçapão).

D. Lucia na cadeira de balanço canta uma canção de ninar.

Silêncio.

Médico vestido de médico em foco.

PSIQUIATRA

Pariu numa praça. Deu à luz a um menino. Peso 2.500grs. Altura 48cm. Pai desconhecido. O Hospital Universitário recolheu mãe e filho. Batizou o evento com o nome de “parto séptico”. Parto de rua, imundo, infectado. O relatório da maternidade inaugura o arquivo de Clara no manicômio. Oficialmente sua história começa neste ponto.

Apaga-se o foco do médico.

Richard desaparece no alçapão.

CENA 26 - A OPORTUNIDADE

D. Lucia na cadeira de balanço da plataforma B e plataforma C acesa.

Aumenta-se a intensidade da luz da plataforma C.

Clara segurando um boneco e Marta se apresentam.

ASSISTENTE

O médico disse que você e a criança já podem ir. Para onde? Para onde, amorzinho. Um menino. Tão lindo. A mamãe é tão formosa. *(tom)* Sabe fazer o que?

MARIA CLARA

Dona...

ASSISTENTE

Marta, assistente.

Silêncio.

ASSISTENTE

Criança dá trabalho. Nem imagina, imagina? Tão jovem. *(tom)* Se quiser ajuda. Posso?

MARIA CLARA

Pode. Dona...

ASSISTENTE

Marta, assistente.

MARIA CLARA

Marta Madrinha.

ASSISTENTE

Marta Madrinha. Pode ser. *(tom)* Marta Madrinha vai te arranjar um serviço ótimo num apartamento. *(tom)* A criança é que não encaixa.

MARIA CLARA

A criança é o problema.

ASSISTENTE

Entende destas coisas. Ótimo. É um apartamento no centro. Oitavo andar. *(tom)* Ganha boa porcentagem e vira vedete do amor.

MARIA CLARA

A criança. O problema.

ASSISTENTE

O menino é sadio. Vai ter facilidade de adoção. *(tom)* Em três semanas arranjamos uma mãe postiça. *(pausa)* Aceita minha ajuda?

MARIA CLARA

Marta Madrinha.

ASSISTENTE

Sou conhecida. O que pensa?

MARIA CLARA

E as portas?

ASSISTENTE

Só tranca se quiser. Se notar que o homem é esquisito diz que não tem chave. Tem sempre alguém no andar e as outras meninas sempre ajudam.

MARIA CLARA

Se só trancar quando quiser. Vou.

ASSISTENTE

Ótimo. Tenho faro para o negócio. *(tom)* O menino é um mimo. Não é um problema. *(tom)* Vou te chamar de Virgínia.

MARIA CLARA

Virgínia.

ASSISTENTE

É Virgínia, a quase virgem. *(tom)* Se prepara que não demoro. Minha eficiência é histórica. Todos me adoram. Ótimo.

Sai assistente.

CENA 27 - O ESCLARECIMENTO

Plataformas C e B acesas. Clara e D. Lucia, respectivamente.

Acende-se a plataforma da cabeceira.

Psiquiatra em foco.

Maria Clara continua segurando o boneco.

PSIQUIATRA

Como você foi parar naquele sala e quarto no centro da cidade?

MARIA CLARA

Ricardinho miava um soluço comprido. Uma tripinha. Andei torta pelo corredor e como na prisão assinei uns papéis. Igual, quase idêntico à cadeia. Saí do hospital.

PSIQUIATRA

Mentira. Fugiu. Como foi parar naquele apartamento?

MARIA CLARA

Já contei. D. Marta. *(tom)* Ela era uma assistente sexual, doutor.

PSIQUIATRA

Não acredito.

MARIA CLARA

Palavra vazia: assistente. Quer dizer tudo e não significa nada. *(tom)* Os assistentes não são estas pessoas que os senhores pagam para chorar pela gente? Ou são pagas para humilhar os outros? Alguma coisa eles fazem pelo patrão, senão não seriam assistentes de alguém. Palavra vazia: assistente.

Apaga-se o foco do psiquiatra.

Imediatamente D. Lucia dá uma gargalhada.

Tudo se transforma num bordel.

CENA 28 - A PROBLEMÁTICA

No bordel.

MARIA CLARA *(para Lucia)*

Por que a colega está rindo?

LUCIA *(em pé)*

Esse apartamento. É o fim. A Marta enlouqueceu. *(tom)* Criança aqui é ruim. Assusta homem. Choro faz brochar.

MARIA CLARA

A criança é o problema.

LUCIA

O quê?

MARIA CLARA

Esse o meu quarto?

LUCIA

Esse seu canto. Tem direito a uma cama, duas torneiras, três lençóis, papel higiênico, metade de um espelho, abajur, bidê e um basculante. Não deixe o rebento chorar. Cama pode ranger, rádio estrilar e gemido crescer. Riso é bem vindo, mas choro é banido, coisa proibida, que não se escuta na casa do amor. Homem é catimba e sentimental, se dobra e perde tesão com a

mínima imprevisão. Por isto se cuida mulher. Se arruma, pinta a fachada, mexe o corpo e se sacode neste quarto. Mas sufoca o ganido besta e desesperado do menino, para não criar inimiga e nem desatar a ilusão que deve morrer no final da ejaculação.

Clara se abraça ao boneco.

Ela tenta conter um suposto choro do menino.

MARIA CLARA

Tuk. Não chora. Tuk.

Concomitantemente.

Luz tênue nas plataformas A e B e no centro do palco.

Homens e mulheres se oferecem discretamente.

MARIA CLARA

Tuk. Quietos. Tuk. Cala a boca. Tuk. Tuk.

Instantes.

Música.

CENA 29 - A SAÍDA

Silêncio.

Todos estáticos olham para Clara.

MARIA CLARA

(Clara mostra o batom. Com uma mão segura

o boneco e com a outra pinta o rosto)

Batom vermelho para virar Virgínia. É difícil se pintar. Falta de prática.
(*Clara geme*) Não chora. (*tom*). A criança. Num problema.

Acende-se o foco da cabeceira.

Psiquiatra em foco.

PSIQUIATRA

O inquérito policial confirmou que Clara estava sozinha no quarto com a criança.

MARIA CLARA

Cala a boca. Foi transferido. Sai da minha fantasia.

Todos os atores riem baixo e reiniciam suas respectivas atividades.

MARIA CLARA

O bordel está comigo.

PSIQUIATRA

O bordel, o manicômio, o colégio, tudo pode ficar com você. Tudo deve ficar com você. *(tom)* Não adiante mais, não vale mais à pena.

MARIA CLARA

A culpa era da criança. *(tom)* O filho da mãe chorava. Como podia ser “vedete”.

PSIQUIATRA

Concluí que Clara recolheu parte da sua história no próprio manicômio se valendo do passado dos outros psicóticos. A outra metade ela viveu.

MARIA CLARA

(Clara coloca o boneco entre as pernas e tenta invaginá-lo)

Não tenho uma porta entre as pernas? Sem fechadura? E ele não saiu de lá? Pois que entre de novo, ao contrário e mais uma vez. Vamos. Entra. Entra. .

Instantes.

PSIQUIATRA

A verdadeira história de Clara mesmo mascarada pelos personagens reais de um manicômio presente, não deixou de existir. Ela nos contou extratos de uma verdade. Sua memória.

MARIA CLARA

Empurrei a cabeça para dentro. Volta. *(tom)* Esperneava. E o sangue. Batom. O vermelho.

Aumenta-se a luminosidade da plataforma B.

D. LUCIA

Que grito é este? Meu Deus. Que horas são? Jorge. Onde está Jorge?

Foco em Jorge na plataforma A.

MARIA CLARA

Nós acordamos D. Lucia.

PSIQUIATRA

Richard nunca existiu? Foi o seu padrinho?

Foco em Jorge desaparece.

MARIA CLARA

O basculante. O Ricardinho não entrou pelo basculante? Pela janela. Que saia por onde entrou.

Clara pendura o boneco no basculante.

PSIQUIATRA

Clara, não. Não jogue a criança pela janela. Richard existiu? Se Richard não existiu como poderia ter entrado pelo basculante?

MARIA CLARA

Ele me deixou. Deixou. Agora sou livre para fazer o que quero. Liberdade.

PSIQUIATRA

Clara. Liberdade é um grande compromisso com você mesma.

MARIA CLARA

Pára. Abre as pernas e fique calado. Já disse: foi transferido.

PSIQUIATRA

Foi seu padrinho quem te deflorou?

MARIA CLARA

Padrinho, pai, poder, Richard, patrão. Que importa? É a mesma coisa.

D. LUCIA

Solidão. *(tom)* Jorge deve ter ido dar uma volta no jardim. *(tom)* Ele volta.
(tom) Não quero ver. Quero esquecer. Ao luar.

ENFERMEIRA I

Como disse a Madre Angélica: “a tentação é um mal divino”.

MADRE II

Tome os remédios. A normalidade.

D. LUCIA

A vagem. O picadinho.

RICHARD

A revolta, Clara.

Clara chora.

Clara grita e joga o boneco pelo basculante.

Tudo escuro.

CENA 30 - O DESFECHO

Tudo escuro.

Abre-se o alçapão e Luiza (de costas para a platéia) se apresenta.

Luiza estática.

Luiza vestida de vedete.

Foco no psiquiatra.

PSIQUIATRA

O menino foi cuspidado do oitavo andar. Pela queda livre foi esmagado de chofre na marquise do edifício. No mesmo instante nascia para o manicômio judiciário a vedete Virgínia. (*aponta para o alçapão*) Uma mulher em excesso. Clara negou a maternidade e derrotou o instinto primordial para ser tudo aquilo que ela achava que os outros iriam gostar. A sociedade. Mas foi imprevidente, faltou perícia e acabou louca.

Luz tênue em todas as plataformas e no centro do palco.

Luiza de vedete parece Virgínia.

Ela deixa o alçapão e se junta aos outros atores.

Eles formam espectros que se movimentam numa estranha coreografia.

Ouve-se uma sineta.

Música do início.

Instantes.

PSIQUIATRA

O caso Clara é só isto e nada mais. Um amontoado de portas e janelas que resulta no descampado da loucura intratável.

Diversos tipos de portas e janelas descem ao palco e entre as plataformas. O espaço cênico dos atores diminui.

PSIQUIATRA

Quem sou eu? Quem é você? (*tom*) Por que eu sou eu? (pausa) Quem é você? Por que? (*tom*) (pausa) Me entenda como puder ou quiser. Eu não tenho nenhum poder. Ela me disse uma vez. Não tenho nenhum poder.

Mesmo bloqueados os atores continuam sua coreografia.

PSIQUIATRA

Deixava o manicômio. O prédio passava com suas grades. Uma jaula. Imensa. *(pausa)* Clara apareceu no basculante do terceiro andar.

Entra Maria Clara.

MARIA CLARA

Doutor. Vai embora, o pobrezinho. Escute só, olhe aqui. Leve um beijo da Clara vedete. *(Maria Clara manda um beijo para o médico)*. Um beijo que sai pelo basculante. Por último. *(tom)* Um beijo partido.

Os atores mandam um beijo para a platéia.

Instante.

Psiquiatra trança os braços como se estivesse numa camisa de força.

Música ganha intensidade total.

Clara alcança a passarela.

Tudo se apaga.

Silêncio.

Desce o pano.

**AO SAIR DO TEATRO O ESPECTADOR SERÁ EXPOSTO A UM
PAINEL DE FOTOS DE MEDICOS COM SEUS ROSTOS
COBERTOS POR BEIJOS DE BATOM.**

FIM

LONDRES/RIO/1978

DOC COMPARATO

CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou

as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Productiones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPANHA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCONTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUESES</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO –

<i>HOSPITAL</i>	BRASIL) – 1997/1998
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER –
	MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) –
	1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÉSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) –
	1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN
	TELEVISION) – 1993
<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE
	TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE
	TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV)
	– 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV)
	– 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>GOSTA</i>	
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) –
	1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>PORTUGAL</i>	
<i>ME AQUILLO PARA SOÑAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel
	García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) –
	1989
<i>NAZCA</i>	(SPAIN TV) – 1988
<i>LONGSDORFF</i>	(SOVIETIC TV) – 1988

<i>A BOCA DO INFERNO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
<i>TIETA DO AGRESTE</i>	(RAI / ITALIAN TV) – 1986
<i>O TEMPO E O VENTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>O INSPETOR GERAL</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A VIDA SECRETA DE BERENICE</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A PATA DO MACACO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A DAMA DAS CAMÉLIAS</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>MALU MULHER</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>LAMPIÃO E MARIA BONITA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>OS AMORES DE CASTRO ALVES</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>PLANTÃO DE POLÍCIA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1981
<i>E AGORA, MARCOS?</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

TEATRO (AUTOR)

<i>NOSTRADAMUS</i>	(ROMA / ITÁLIA) 2003
<i>NO CÍRCULO DAS LUZES</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002
<i>MIGUELANGELO</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001
<i>NOSTRADAMUS</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999
<i>K. DANCE</i>	(PARIS / FRANÇA) 1989
<i>NOSTRADAMUS</i>	(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86
<i>A INCRÍVEL VIAGEM</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984
<i>O BEIJO DA LOUCA</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981
<i>AS TIAS</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980
<i>O NOVÍSSIMO TESTAMENTO</i>	(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

LITERATURA E DRAMATURGIA

- SCRIVERE UM FILM* (DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002
- LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI* (ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002
- VON DER ENTDECKUNG DES PARADIESES* (ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY) 2000
- EL GUIÓN* (2nd EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000
- EL GUIÓN* (3rd EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999
- LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES* (ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998
- LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES* (ED. PLANETA, MÉXICO) 1998
- A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES* (ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998
- LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES* (ED. PLANETA, SPAIN) 1998
- A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES* (ED. ROCCO, BRASIL) 1997
- ME ALUGO PARA SONHAR* (ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL) 1997
- ME AQUILLO PARA SOÑAR* (OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997
- EL GUIÓN* (OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997
- ME AQUILLO PARA SOÑAR* (ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995
- DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO* (ED. ROCCO, BRASIL) 1995
- ARNAU, ELS DIES SECRETS* (ED. PROA, SPAIN) 1994
- DA CRIAÇÃO AO GUIÃO* (ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992

<i>DE LA CREACIÓN AL GUIÓN</i>	(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1988
<i>TV AO VIVO DEPOIMENTOS</i>	(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988
<i>PADRE CÍCERO</i>	(ED. RECORD, BRASIL) 1984
<i>ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO</i>	(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983
<i>EL GUIÓ</i>	(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA, SPAIN) 1983
<i>EL GUION</i>	(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1983
<i>EL GUIÓN</i>	(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983
<i>AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS</i>	(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981
<i>O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2</i>	(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981
<i>SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS</i>	(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

LIVROS INFANTIS

<i>A INCRÍVEL VIAGEM</i>	(EBAL, BRASIL) 1984
<i>NADISTAS E TUDISTAS</i>	(EBAL, BRASIL) 1984

PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e cosultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augustini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismanes* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

Brasileira de Letras para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição N° 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficción Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.



SERIADOS:

PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL

06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS

27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM

24/08/1979 - VERMELHO 23

31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO

28/09/1979 - BALÃO APAGADO

19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO

30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE

28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE

25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO

09/07/1980 - O ACORDO

16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU

01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA

15/10/1980 - PEGA

10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS

17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA

05/05/1981 - TREM NOTURNO

04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE

11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I

18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II

25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III

03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV

13/08/1981 - OLHO DA MORTE

03/09/1981 - O HERDEIRO

MALU MULHER: (Autor)

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA

18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

MULHER: (Autor)

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

MINISSÉRIES: (Autor e Criador)

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:

CASO ESPECIAL: (Autor)

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

BRASIL 500 ANOS: (Autor)

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

TRABALHOS COMO ATOR:

MINISSÉRIE

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

TELENOVELA

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

QUARTA NOBRE

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.